

UMA

HISTÓRIA PARA TE CONTAR

ORGANIZADORES

Professora Dra. Neila Barbosa Osório

Professor Dr. Luiz Sinésio Silva Neto

Glauce Gonçalves da Silva Gomes

Adriana da Costa Pereira Aguiar

Amanda Pereira Costa

Silvanis dos Reis Borges Pereira

Atena
Editora

Ano 2023

UMA
UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

UFMT
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO TOCANTINS

UMA HISTÓRIA PARA TE CONTAR

ORGANIZADORES

Professora Dra. Neila Barbosa Osório

Professor Dr. Luiz Sinésio Silva Neto

Glauce Gonçalves da Silva Gomes

Adriana da Costa Pereira Aguiar

Amanda Pereira Costa

Silvanis dos Reis Borges Pereira


Atena
Editora
Ano 2023


UIMA
UNIVERSIDADE DA MATURIDADE


UFET
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO TOCANTINS

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Edição de arte

Fábio Almeida da ASCOM/UMA

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à

Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Adriana da Costa Pereira Aguiar
 Amanda Pereira Costa
 Glauce Gonçalves da Silva Gomes
 Silvanis dos Reis Borges Pereira
 Neila Barbosa Osório
 Luís Sinésio Silva Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
H673	<p>Uma história para te contar / Adriana da Costa Pereira Aguiar, Amanda Pereira Costa, Glauce Gonçalves da Silva Gomes, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Outros organizadores Silvanis dos Reis Borges Pereira Neila Barbosa Osório Luís Sinésio Silva Neto</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1014-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.140232802</p> <p>1. Gerontologia. 2. Educação. I. Aguiar, Adriana da Costa Pereira. II. Costa, Amanda Pereira. III. Gomes, Glauce Gonçalves da Silva. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 305.26</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Este livro é dedicado à Doutora Neila Ozório, a idealizadora do projeto UMA em Palmas TO. A companheira dos velhos, que com sua competência e carisma abraça o projeto e faz com que outras pessoas venham a se apaixonar pelo trabalho da Universidade da Maturidade – UMA, assim como nós. A Doutora Neila Osório é considerada a amiga dos velhos. Tínhamos várias dedicatórias para fazer a ela, mas deixamos aqui Olinda falar por todos os queridos velhos da UMA.

“Em 2016 conheci o projeto UMA, aprendi envelhecer com saúde, alegria e entusiasmo e fiz maravilhosos amigos, conheci também uma pessoa admirável na qual eu me inspiro que é minha mãezona a Dr.^a Neila e ainda ganhei mais um neto, ou seja agora tenho 10, meu querido Dr.^o Luiz Neto, pessoas com as quais aprendo muito a cada dia”.

Olinda Rosária Sousa

À Deus em primeiro lugar, o qual nos deu o dom da vida, nossos filhos, familiares e companheiros de vida.

À uma pessoa especial e amiga professora Dr^a Neila Barbosa Osório, professora do Mestrado Acadêmico em Educação e seu filho Luís Sinésio Silva Neto, a qual nos proporcionou a convivência e orientação no contexto da Universidade da Maturidade como excelente experiência com ensinamento que levaremos por toda nossa vida.

Aqueles que partilhamos momentos de conhecimentos e contribuíram diretamente em nosso livro os colegas mestrandos acadêmicos da turma entre os alunos especiais e regulares que colaboraram com digitação das belas histórias que iremos te contar, esses guerreiros: Ana Leide R. Sena, Bruna Borges Leite Alencar; Bruna Raquel Resplande Silva; Edval Limeira; Borges; Eliane Cristina de Araújo dos Santos; Erick Henrique Silva Goes; Francisca Neuma de Sousa Cunha; Hiran M. t. Gomes Sobrinho; Leonardo Victor dos Santos; Luciana Patrícia da Silva Frutuoso; Marcelo Henrique de Jesus Sobrinho; Osvaldo Ribeiro de Souza Neto; Rosiane Rezende Vidal; Selma Souza Ferreira; Simone Matos dos Santos Teixeira; Tiago Soares dos Reis e Vônio Lira Mendes

E pôr fim com todo nosso coração aos velhos da Universidade a Maturidade – UMA, com suas histórias de vidas partilhadas foram capazes de dar luz e tornar real este que em sido um grande sonho para nossas vidas, os nossos mais sinceros muito obrigada!

Este livro destina-se a professores, pesquisadores da graduação, mestrado e doutorado. Um deleite de conhecimento de histórias verídicas entre indivíduos que estão sempre em construção, pois todo conhecimento é importante, seja ele formal ou não-formal.

Neste trabalho queremos te convidar a conhecer algumas das histórias dos velhos da Universidade da Maturidade - UMA da universidade Federal do Tocantins - UFT. As histórias se transformam em um universo que permite ao leitor, muitas viagens, tendo por gênero “memórias”, apresentamos aqui, histórias verídicas escritas pelos acadêmicos sem revisão gramatical e ortográfica.

Por meio das belezas de Olinda, o empoderamento da Margarete, ou as poesias rimadas de nosso grande e amigo Bira (que nos deixou em 2022), viajamos nessa doce proposta. Ah são tantas! pudemos conhecer a filha de Fordlândia, os Estácios da vida de Zenith, e o intrigante disputa entre Maria Lúcia e soldadinho de chumbo dentre outras.

O livro possui 34 histórias de vida dos acadêmicos que frequentaram a UMA em 2018, alguns ainda frequentam até os dias de hoje.

A UMA, um encontro entre as velhices e as subjetividades nasceu em 26 de fevereiro de 2006 é um programa de extensão aprovado pelo Colegiado de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), tem sede em Palmas - TO, o prédio está localizado no Câmpus da UFT, com auditório próprio, laboratório de exercício físico e Envelhecimento Humano (Labefe) e outras divisões. conhecida pela tecnologia social educacional atua em 10 polos em cidades do estado do Tocantins, Bahia, Amapá, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul.

Os leitores da obra poderão se surpreender nas linhas e entrelinhas de cada história, pois, são histórias de vida instigantes e levam o leitor a querer entender o final e até a conhecer o escritor. Entenderão que a UMA é um espaço de várias velhices em que há encontros de subjetividades que se auto ajudam a conseguir qualidade de vida sem a marginalização e invisibilidade enfrentadas no mundo. A partir do diálogo com suas histórias (vivências e experiências), sua subjetividade, os velhos rompem paradigmas e propõe a partilha de experiências e aprendizados atribuindo um novo sentido e dando novo significado à vida.

A vida é uma descoberta cotidiana, onde os sonhos, prazeres e dores se misturam ao longo dos anos, e assim vamos escrevendo nesse “mar de incertezas”, nossa história individual e coletiva.

Por isso faço um questionamento, “O que despertaria o desejo em ler um livro que conta histórias de vida de pessoas velhas?”. Para nós que temos audição treinada e o pensamento voltado ao trabalho com a Gerontologia é um convite agradável e fascinante e nosso trabalho é promover escritos que levem ao conhecimento, ou melhor, o reconhecimento da importância dos nossos velhos.

A Universidade da Maturidade, é um Programa de extensão da Universidade Federal do Tocantins, nasceu há 16 anos e vem crescendo e se consolidando a cada dia, hoje somos uma Tecnologia Social, através da extensão, pesquisa e ensino, neste tripé alcançamos cada vez mais pessoas que se importam e dedicam ao envelhecimento humano.

Na UMA/UFT o saber popular e o científico se unem para (re) construir processos de vida. E como diz o poeta “Se a arte da vida é fazer da vida uma obra de Arte”, aqui na UMA todos são protagonistas de suas obras, e com esse pensar que este livro foi produzido.

O livro foi organizado pelas acadêmicas do Programa de Pós-graduação em Educação, com uma das muitas turmas que passaram pela UMA do pólo de Palmas, em sua sensibilidade deram vozes para esta geração Z, que trazem uma riqueza cultural e gratificante por meio de suas histórias de vida. Posso afirmar que se iniciar esta leitura, só irá conseguir parar quando chegar à última página, lembre-se, se hoje ainda não é velho, espero que venha desfrutar desta dádiva e com certeza terá escrito uma bela história no jardim da existência. Boa Leitura!

PhD. Luiz Sinésio Silva Neto
 Coordenador da UMA.

INTRODUÇÃO	1
BELEZAS DE OLINDA!	2
67 ANOS DE AMOR!!	5
OS FILHOS DOS MEUS FILHOS: MEU TESOURO	7
UM IDEALISTA ESQUECIDO POR SEU PAÍS	9
SOU COMO A OSTRA A FABRICAR A PÉROLA.....	10
DESCENDENTE DA NOBREZA PORTUGUESA: NASCIDO DA MÚSI- CA.....	12
VIVO SEM FAZER PLANOS	16
DOS LABIRINTOS DE REDE CONSTRUO OS CAMINHOS DA VIDA	18
VENCI O VÍCIO DAS DROGAS DE MEU FILHO ATRAVÉS DA ORA- ÇÃO.....	21
CASEI DEPOIS DE 15 DIAS DE CONHECER MEU MARIDO	23
NINGUÉM ESTUDOU, NÃO TINHA ESCOLA.....	25
VELHO TEM VEZ, VOZ E EMPODERAMENTO.....	26
JUREI QUE MEU CASAMENTO SERIA PARA SEMPRE. E FOI.....	30
AGORA ESTOU COMPLETA	33
MINHA FAMÍLIA ESTÁ EM CONSTRUÇÃO	34
FAZER FACULDADE É UM SONHO PRA MIM.....	36
LIBERDADE ANTES QUE ENTARDEÇA	37
APRENDI A GOSTAR DA MANEIRA DE VIVER	38
A GRANDE FAMÍLIA	40
MULHER DE FIBRA, FEITO A MÃE	42
MEU CARÁTER, MINHA BELEZA	44
FILHA DE FORDLÂNDIA.....	49
8 OU 80?.....	53
TARDES DE DOMINGO NUM VESPERAL	55
DO JUDÔ AO MINICRAFT	57

PACABANA PRINCESINHA DO MAR.....	60
DO FARDO À FARDA	62
ESTÁCIOS QUE VIRARAM ESTAÇÕES DE MINHA VIDA	64
PRECISAMOS TER “BOA ESPERANÇA”	66
PLANEJO VIAJAR MUITO SE DEUS ME DER MUITA SAÚDE	68
ÉRAMOS 6	69
NOITES DE LUA CHEIA.....	71
FUI CRIADA SEM LIBERDADE.....	72
DEIXEI DE SER INVISÍVEL PARA O MUNDO.....	74

INTRODUÇÃO

Este livro nasceu do desafio lançado pela Professora Dr^a Neila Osório, nas aulas da Disciplina Tópicos Educação Inter geracional do Programa de Mestrado em Educação ofertado pela Universidade Federal do Tocantins, ela nos proporcionou diversas provocações, logo no início de nossas atividades, com questionamento se já estávamos planejando nossa Festa de 100 anos? Isso mesmo festa de 100 anos, haja vista que a expectativa de vida da população tem aumentado e temos participado de aniversários centenários, isso mostra que as pessoas vivem cada vez mais, a ideia é que possam ter também uma melhor qualidade de vida.

Então em meio à pesquisa e estudo da relação educação e gerontologia, nós alunos tivemos a oportunidade de interagir com os alunos da 10^o turma da Universidade da Maturidade – UMA, Programa de extensão da UFT.

E como tínhamos sido instigados a escrever a história dos velhos a serem expostas na festa de 100 anos, o grupo planejou levantar informações sobre a vida dos acadêmicos da UMA. Era para ser apenas uma coletânea de pequenos relatos. O grande desafio foi lançado decidimos fazer uma coletânea de biografias, dando a oportunidade de reviver fatos importantes deste grupo, de maneira que para iniciar o planejamento foi fundamental, as reuniões e pesquisas foram se estendendo fora do contexto universitário o tempo das aulas não era suficiente, de forma que também passamos a utilizar meios tecnológicos de comunicação, assim o grupo cada vez mais unido, as ideias iam surgindo e amadurecendo e por fim começamos desenvolver os passos que irão conhecer mais adiante.

Dessa maneira o grupo decidiu elaborar um instrumento que servisse como roteiro para nos contar sua história de vida, respondendo algumas questões em forma de texto, tivemos a oportunidade de conhecer a história de vida dos velhos da UMA, experiência gratificante e encantadora a cada relato, assim o grupo pode projetar as histórias em um livro a qual decidimos trabalhar em uma versão digital usando software livre.

Com a coletânea, obtivemos um material muito mais rico do que esperávamos, com grandes histórias que merecem ser contadas e recontadas, para que todos aqueles que tiverem acesso a esse trabalho conheçam o quão são valorosos nossos velhos e de forma especial, os que compõem a Universidade da Maturidade – Palmas – UFT. Nos orgulhamos em fazer parte e convidamos para que se deleite nas histórias desses heróis de verdade que dia a dia trilham seu caminho vencendo as batalhas da vida e agora podemos eternizá-las nestas páginas. Boa Leitura.

BELEZAS DE OLINDA!

Olinda Rosária Sousa



“Encantados com sua beleza ao vê-la pela primeira vez, com muita emoção e felicidades disseram ó linda! sendo assim, esse então o nome que recebi: Olinda Rosária Sousa”.

11 DE FEVEREIRO DE 1952

No ano bissexto do século XX, fevereiro de 1952, o mundo conhecia a Elizabeth II, como rainha da Inglaterra. Nesse mesmo ano aos 11 dias do mês de fevereiro em uma tarde de verão aproximadamente às 13 horas e 30 minutos, em uma humilde fazenda no município de Rio Verde- GO, Acácio Dias de Sousa e Celestina Cândida de Sousa, recebiam em seus braços uma menina de olhos verdes. Encantados com sua beleza ao vê-la pela primeira vez, com muita emoção e felicidades disseram: Ó linda! Sendo assim, esse foi então o nome que recebi: Olinda Rosária Sousa.

Sendo eu a oitava filha do clã de 10, as quais são: Maria Rosária de Souza (Nia), João Dias de Souza (Nego), Sinval Dias de Souza (Tam), Osvaldo Dias de Souza (Durico), Valda Rosária de Souza, Ubaldina Rosário de Souza (Cumadina), Arnaldo Dias de Souza (Dem), Barsanulfa Rosária de Sousa Oliveira, (Nuta), José dos Santos (Zezim).

Minha Infância Foi dividida entre brincadeira com bonecas de espiga de milho, brincadeiras de pula-pula nas palhas de arroz. As brincadeiras eram poucas porque o tempo tinha que ser dividido com o trabalho da roça (carpina, colheita, plantação de arroz, feijão, milho e mandioca) e também em casa (limpeza da casa, lavagem de louças, pilar o arroz e o café para o consumo, cuidar da alimentação dos animais domésticos).

Aos sete anos fui pela primeira vez a escola já na cidade de Uruana-GO, onde permanecemos por pouco tempo, algo em torno de um ano.

Minha vida escolar sempre foi muito difícil, tendo que enfrentar vários obstáculos que iam desde constantes mudanças até a falta de simples par de chinelos, pois em decorrência dessa falta meus pés sofriam queimaduras e lesões por causa do caminho pedregoso e longo a ser percorrido diariamente.

Minha infância pobre não me impediu de ser forte, determinada e destemida, pois o bullying sofrido pela falta de roupas e calçados, onde inúmeras vezes menina «chick» da escola (Eula), me constrangia, perante todos, não me causavam temor, aos que eu

revidava com agressões físicas. Vale acrescentar que também fui um pouco arteira, onde não encontrava barreira quando eu não queria estudar, pulava janelas e muros.

Infelizmente, e por causa das dificuldades só consegui estudar até o 3º ano primário.

Aos 14 anos, comecei a namorar escondido dos meus pais e irmãos, pois minha criação foi muito rígida, não tenho muito que contar dessa época, mas me lembro das poucas festas que íamos, onde todos vestiam roupas com o mesmo tecido, porque meu pai quando ia à cidade comprava uma peça inteira de tecido para confeccionar as roupas de todos da família. Meus olhos verdes e minha cintura de pilão atraíam os olhares e os interesses dos rapazes da região e assim me levaram a ser namorada.

Em 1971 em uma fazenda no município de Paraíso do Tocantins, conheci meu marido Jordelino Alves Santos, nos casamos no ano seguinte no dia 24 de abril, tivemos 3 lindos filhos: Acácio Dias de Souza Neto, Marisa Aparecida Alves Santos e Sandra Cristina dos Santos, antes de completar 10 anos de casados, no dia 14 de abril de 1982 fiquei viúva, isso mês depois de ficar órfão de mãe, o sofrimento que já estava grande, ficou ainda maior. Com três filhos pequenos (9,8 e 3 anos), meu irmão caçula Zezinho que na época morava em Formoso do Araguaia, deixou seus afazeres e veio para me ajudar, ficando comigo na fazenda onde eu morava (Fazenda Pedra Grande no município de Colinas- TO) por mais ou menos uns 2 meses, para que eu organizasse a mudança para a cidade de Colinas, me ajudou com as colheitas que meu marido havia plantando, e era eu que tinha que alimentar meus filhos.

Depois de organizarmos as coisas e mudarmos para a cidade, meu irmão retornou à Formoso do Araguaia para continuar seu trabalho e assim poder me ajudar a criar meus filhos, sendo ele naquele momento o meu porto seguro e havia me feito a promessa que jamais me deixaria só e que sempre estaria ao meu lado.

Como na vida fazemos um plano e não conhecemos os desígnios de Deus, meu amado irmão, companheiro dedicado, no dia 24 de julho de 1982 sofreu um acidente e veio a falecer, assim mais uma vez eu fiquei sozinha, sem mesmo poder chorar, pois com 3 filhos para criar, sem renda e nem estudos, tive que começar a lavar e passar roupas para os outros e assim poder conseguir alimentar meus filhos.

No ano de 1984, mudamos para Barrolândia-TO, onde além de lavar roupas, comecei a fazer roscas e geladinho para vender e completar a renda, foi então que consegui comprar minha primeira geladeira, que ficava na casa do vizinho porque na minha não tinha energia elétrica.

No ano seguinte vendi minha casa de Colinas e consegui comprar uma casa em Paraíso-TO, para onde mudamos no intuito de poder dar uma melhor educação para meus filhos.

Lá continuei a lavar e passar roupas, depois comecei a trabalhar como doméstica de segunda a sexta feira e nos sábados e domingos cozinhava nos leilões da região. Em 1987 tive uma grande perda, o falecimento do meu pai.

Dos três filhos, tive nove netos: Jhonatas Dias de Souza, Helder Santos Marinho, Rafael Santos Marinho, Amanda Cristina Marinho, Vinicius Moura de Souza, Sabrina Moura de Souza, Jordana Alves de Souza, Andressa Cristina dos Santos Carvalho, Gabriella Cristina dos Santos Carvalho.

No ano de 1997, tive a oportunidade de vir para Palmas, depois de conseguir emprego na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), onde trabalhei por oito anos. O ambiente acadêmico despertou em mim o desejo de retornar os estudos, e assim consegui concluir meu ensino médio no ano de 2006.

Aqui em Palmas tive a oportunidade de me aproximar mais de Deus, hoje sou Ministra Extraordinária da Eucaristia, faço parte do grupo de Intercessão.

Tenho a graça de poder participar de vários encontros e retiros da igreja, o que me fez conhecer muitos irmãos.

Em 2016 conheci o projeto Universidade da Maturidade- UMA, onde encontrei um novo sentido para minha vida, aprendi a envelhecer com saúde, alegria e entusiasmo, fiz maravilhosos amigos, conheci também uma pessoa admirável na qual me inspiro que é minha mãezona, a Dr^a Neila e ainda ganhei mais um neto, ou seja, agora tenho 10, meu querido Dr^o Luíz Neto, pessoas com as quais aprendo muito a cada dia.

Hoje completo 100 anos de vida e posso dizer para meus irmãos, filhos, netos e amigos que tudo que vivi foi importante foi importante para me tornar quem sou hoje. A escrita desta carta me proporcionou um retorno, onde pude lembrar o cheiro e tempero da minha mãe, o som da voz do meu pai, as brincadeiras e brigas com meus irmãos,

O Nascimento dos meus filhos e netos e dos amigos que ao longo da vida fizeram parte da minha história, uns se foram e outros ainda permanecem.

Agradeço aqui esta maravilhosa oportunidade para retornar ao passado e entender a grandeza do meu presente e traçar grandes perspectivas para meu futuro, pois com esta força e vigor, que venham mais 100 anos.

Apesar da coincidência do meu nascimento com inicio do reinado da Rainha Elizabeth, nem de longe minha história se compara a dela, porém ela continua reinando na Inglaterra e eu, Ó linda!!

67 ANOS DE AMOR!!

Beny Santos do Couto



“Depois de 67 anos de casados, meu esposo faleceu. Morreu de falência, não ficou doente, não deu trabalho. Só seu coração de 92 anos, que viveu intensamente estes anos parou”

16 DE AGOSTO DE 1932

Sou Beny Santos do Couto nascida em 16 de agosto de 1932, na Fazenda Azul, Município de Aracati - Goiás. Filha de Antônio Cirilo dos Santos e Estelita Gomes dos Santos, somos de uma família tradicional de Goiás.

Minha infância foi o que se pode dizer muito feliz, morando na fazenda ao lado de 08 irmãos, sou a quinta filha e cresci correndo, brincando em árvores, brincadeiras sadias e ingênuas, visitando meus avós. Fui muito abençoada! Como morávamos na fazenda, meu pai contratou um professor particular para nos dar aulas.

Aos dez anos mudamos para Anápolis - Goiás para estudar. Lá fui estudar no Colégio Auxílium, um colégio tradicional de freiras.

Na adolescência, mudamos pra Itapaci, cidade do interior de Goiás, muito pequena. Minha mãe muito rigorosa, nunca andei com amizades e festas. Amigas mesmo, companheiras, só tive minhas irmãs

Lá conheci meu marido João Aires do Couto, um homem muito decidido e digno. Nos casamos eu com 16 anos e ele com 23 e fomos começar a vida.

Sempre estive no lado dele no comércio, tivemos 06 filhos. Filhos estes que só tenho que me orgulhar. São 04 homens honrados, trabalhadores e cumpridores de suas obrigações. 02 filhas lindas, amorosas e batalhadoras que também souberam cuidar de seus casamentos, maridos e filhos.

Desta minha união de 67 anos - bodas de diamante e mais 07 anos de convivência, tenho 23 netos e 13 bisnetos. Como tive filhos espaçados, tenho bisnetos já formados em medicina e outra Lara que tem 04 meses.

Moramos sempre em cidades pequenas os filhos ao nosso lado até a idade de terem que se mudar para estudar.

Todos os meus filhos se formaram em Belém do Pará, pois mudamos para Altamira

em 1973, meu marido era desbravador e lá tivemos uma usina de arroz. Moramos também em Itaituba isto para ficar perto dos filhos.

Depois de 67 anos de casados, meu esposo faleceu. Morreu de falência, não ficou doente, não deu trabalho. Só seu coração de 92 anos, que viveu intensamente estes anos parou. Foi minha maior decepção. Nunca havia perdido alguém que pudesse me parar para essa perda: pai, mãe, sogro, sogra e alguns parentes, nada. Mas em nenhum momento fiquei só. Meus filhos, minhas maiores bênçãos e a graça de Deus nunca me deixaram só.

Perdi ano passado em junho um bisneto, este sem esperar, sem estar preparado. Um jovem de 19 anos de AVC. Desígnios de Deus. Como entender??

Após ficar viúva, uma companheira amiga, a sogra de meu filho Wellington, um anjo chamado Antônia Mesquita, muito decidida me pegou pelo braço e me levou até a UMA. Está comigo em todos os projetos da UMA. Ela é meu suporte.

O nome já diz UMA. Uma oportunidade para lançarmos em voos solos. Um local onde somos esclarecidos de nossos direitos e deveres.

Temos a oportunidade de enriquecermos culturalmente, e de fazermos novos amigos, temos festas para descontrair, esportes, viagens e UMA família que estamos construindo.

Somos valorizados pelas nossas experiências de vida. Somos enaltecidos pelo que fizemos pelo que somos e também pelos nossos projetos futuros.

Sou Beny Couto, tenho 84 anos de uma vida bem vivida, com poucos arrependimentos e muitos agradecimentos.

OS FILHOS DOS MEUS FILHOS: MEU TESOURO

Railda Divina dos Santos



“Nunca participava de brincadeiras porque minha mãe não deixava, dizia que deveria trabalhar. Com 8 anos, eu ainda não alcançava a pia para lavar as louças, minha mãe colocava tijolos para eu subir e lavar todas as louças da casa.”

17 DE JULHO DE 1950

Nasci no dia 17 de julho de 1950. Os nomes dos meus pais são, João Vitorino Pimentel e Maria Olinda Pimentel.

Fui criada na fazenda, nunca participava de brincadeiras porque minha mãe não deixava, dizia que deveria trabalhar. Com 8 anos, eu ainda não alcançava a pia para lavar as louças, minha mãe colocava tijolos para eu subir e lavar todas as louças da casa. Eu estudei até o 3º ano primário em escola de fazenda, meu pai pagava professores para ir em nossa casa e dar aulas particulares para mim, meu irmão e os filhos de alguns vizinhos.

Somente aos 14 anos nosso pai nos levou a um município do interior de Goiás chamado Araçú, onde cursei até o 2º ano ginásial.

Quase não tive tempo de viver minha juventude, pois casei com 17 anos, até que namorei muito, eu era a famosa filha do Senhor João Pimentel.

Adorava aqueles bailes na casa da fazenda, tinha admiradores em todo lugar que ia, foi ótimo o pouco tempo de infância que tive pois tive vários namorados até namorar 3 anos com o pai dos meus filhos com o qual me casei e vivi junto durante 46 anos, ele me deu 4 filhos maravilhosos: Onofre Donizeth dos Santos, Divino Darley dos Santos, Rejaine Maria dos Santos, Ramon Alessandro dos Santos.

Pois é! Com 46 anos de casada, meu marido me deixou, foi embora de casa, fiquei sozinha, não casei de novo, pois não tenho mais idade agora é só curtir os netos e a vida.

Eu tenho 10 netos que são maravilhosos, essa geração dos filhos dos meus filhos é uma experiência única, os adoro, graças a Deus eles também me adoram, meus netos são tudo para min. Vou contar uma história para vocês que aconteceu comigo e meus netos e me deixou maravilhada.

Eu adoeci e tive que ser internada no hospital, meus netos não deixavam ninguém ficar comigo, minha neta de 20 anos e seu irmão de 22 anos cuidaram de mim, dormiam comigo no hospital e até ajudavam a me trocar, as enfermeiras ficavam admiradas de velos cuidando de mim com tanto carinho, os outros internos que estavam no mesmo quarto

ficavam perguntando o que eu fazia para meus netos me tratarem com tanto amor, eu dizia que os tratava com muito carinho, mas eles são maravilhosos mesmo graças a Deus.

Eu sofri muito quando fiquei “sozinha”, mas Deus é maravilhoso. Primeiro a minha família, meus filhos, genro e noras, parentes e amigos me deram muito suporte. Depois conheci a UMA que também me ajudou muito.

Essas pessoas maravilhosas que conheci, a Doutora Neila, Doutor Luiz Neto toda essa ótima equipe, as amizades que fiz e que também me ajudaram muito.

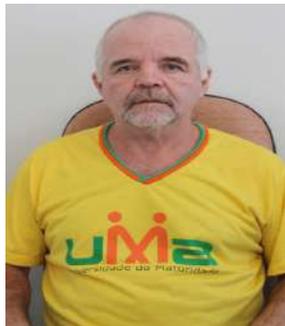
Hoje sou feliz com meus filhos e netos que amo muito.

Sou realizada porque a família é o suporte da nossa vida, e satisfeita com o que tenho, sou saudável, não tomo nenhum remédio, graças a Deus.

Sou feliz com a família que tenho e planejo comprar um carro e aprender a dirigir, para aproveitar a vida ir para UMA para o parque do idoso para Sesc e também para igreja. Tá bom assim?

UM IDEALISTA ESQUECIDO POR SEU PAÍS

João Barros Monteiro



“Na vida adulta fui muito contestador, fiz vários concursos públicos e fui aprovado em 3: Receita Federal, Correios e Tribunal de Contas do Estado de Rondônia, mas devido a querer mudar o Sistema fui demitido de todos.”

22 DE DEZEMBRO 1959

Meu nome é João Barros, nasci na cidade de Medeiros Neto – Bahia, meu pai chama-se Frederico Monteiro de Carvalho. Minha mãe Alayde Barros Monteiro, ambos já falecidos, tenho 2 irmãos.

Na minha infância, passei em uma vila no interior de Pernambuco, brinquei muito de jogar futebol, pegar passarinho em arapuça, estudei em uma vila até a antiga 4ª série primário.

Na minha juventude algumas paqueras pois, era muito tímido, mas meus cabelos grandes e olhos verdes mexiam com as meninas. A minha união estável durou pouco, pois já tinha um relacionamento fracassado. Tenho duas filhas: Michelle 21 anos estuda turismo e Giovanna 20 anos estuda engenharia agrônômica. Tenho orgulho do comportamento delas, pois não bebem e são bem “quistas” pelos familiares.

Na vida adulta fui muito contestador, fiz vários concursos públicos e foi aprovado em 3: Receita Federal, Correios e Tribunal de Contas do Estado de Rondônia, mas devido a querer mudar o Sistema fui demitido de todos. Com a criação do Estado do Tocantins passei a trabalhar com comissão cheques em Palmas em 1990, comi muita poeira.

Hoje não tenho a saúde boa, tomo 20 comprimidos por dia, tenho Alzheimer, transtorno bipolar e diabetes tipo 2. Hoje busco a felicidade na minha religião, sou espírita kardecista e na UMA, onde a cada dia absorvo os ensinamentos e experiências de vida.

Na minha opinião o Congresso deveria criar a UMA em nível nacional, pois há muitos velhos que foram idealistas e hoje o país os esqueceram e não tem uma política a favor do idoso. Planejo divulgar os valores da UMA onde eu estiver. Não é fácil criar-se uma instituição sem apoio e verbas.

Parabenizo a Dr. Neila e seu filho Neto pela bravura e dedicação ao idoso.

SOU COMO A OSTRAS A FABRICAR A PÉROLA

Sueli Ferreira Gonçalves



“Ajudei a abrir duas escolas da APAE – associação de pais e amigos dos excepcionais (uma em Porto Nacional e outra em Palmas). Mas decepcionada deixei de ser professora por causa da introdução na política foi a maneira que vi de reivindicar contra.”

25 DE AGOSTO 1954

Certo dia em uma das minhas viagens, encontrei em um mural a história da ostra e como se forma a pérola. Fiquei maravilhada, pois a pérola é formada quando é atingida por um corpo estranho como a areia. Ao entrar na ostra ela se defende criando um néctar e essas camadas vão formar pérola.

A UMA Universidade da Maturidade faz as pessoas desabrocharem, transformando seres e confeccionando talentos.

Deus em sua infinita bondade deu a todos dons para que se desenvolvam e reproduzam pérolas. Transbordando em amor e ternura. A um deu o dom de fazer, outros vender, outros convidar a participar. É só querer “pois querer é poder” se confiastes Deus te ajudará.

Nasci em Recife. Quando estava com um ano meus pais vieram para Maceió, convidado pela família de Fernando Collor era mecânico do Jornal (Gazeta) com essa convivência via a perseguição de uma família pelo jornalista Arno de Mello e todos que participavam desta direta ou indiretamente.

A partir de 21 anos comecei a andar pelo Brasil afora. Deixei a faculdade de psicologia pensando em continuar, porém vi que meu destino estava mudando e no meu interior me vi como política social e não partidária, tomei a infeliz decisão de sair candidata a vereadora em Palmas no ano de 2000.

Ajudei a abrir duas escolas da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (uma em Porto Nacional e outra em Palmas). Mas decepcionada deixei de ser professora por causa da intervenção política nas escolas, foi a maneira que vi de reivindicar contra.

No dia da eleição, Deus me mostrou o seu semblante onde vi de antemão a derrota (eram 17h do dia da eleição de 2000). Aí começou o meu calvário.

Separei de meu marido, e viajei em busca de dias melhores. Fui trabalhar em um jornal de meu irmão sendo revisora de reportagem e escrevia, sempre com meus filhos a

me acompanharem.

Em Tuiuti minha vida espiritual foi reforçando, após seis meses voltei para Palmas, logo após 1 ano fui a Maceió e encontrei a minha verdadeira vocação “pescadora de homens”.

Voltei a Palmas e minha casa e comecei a luta de construção de uma igreja Adventista no bairro em que moro. Hoje após 10 anos concretizei o sonho de a igreja concluir. “Feliz aquele que é provocado pois, com ele Deus está”.

Deus tem um plano em minha vida e está sempre a me orientar ‘Cristo está voltando em breve e pretendo fazer parte de seu rebanho e dizer: Senhor aqui estou’.

DESCENDENTE DA NOBREZA PORTUGUESA: NASCIDO DA MÚSICA



Severino José Dantas (Bira)

"In Memoriam"

"Palmas engatinhava querendo se firmar no cenário junino nacional, mas faltava experiência.

Em 2004, com o grupo Quadrilha Pega Fogo, fomos campeão do grupo de acesso. Em 2005 na divisão principal o troféu de melhor marcador do "Arraia da capital". O Brasil conheceu Bira Dantas"

09 DE ABRIL DE 1945

Natural de Carnaúba dos Dantas - RN. Nasceu em 09 de abril de 1945. Seus pais Antônio Zacarias Dantas, sua mãe Maria Paulina Dantas, sendo que ela descende da nobreza portuguesa na sua 6ª geração. Isto foi possível segundo um escritor que ao puxar a árvore genealógica descobriu essa união dum português com uma índia da tribo potiguar. Na praça central da cidade está exposto um brasão com caracteres português, atestando o que conta o historiador.

A cidade tornou-se famosa, sendo considerada a terra da música. No passado um filho da terra, Fonseca Dantas, compôs uma valsa famosa de nome 'Royal Cinema'. A Rede Globo de TV descobriu no Vaticano músicas sacras tocadas de composição do Maestro Felinto Lúcio Dantas, também um filho da terra. O que tem de mais atrativo na cidade é a construção de um castelo, estilo barroco, que já serviu de cenário para a encenação de um filme, O Sheik do Nordeste com o ator Marcos Palmeiras.

Para completar, foi descoberto por geólogos um sítio arqueológico e gravuras no interior de uma caverna, o que afirma a existência da vida pré-histórica no município.

Foi neste mundo que nasci, cresci até meus 27 anos. Fui uma criança sem conhecer o prazer de brincar. O meu primeiro presente aos 7 anos, uma vara com 02 latas atadas em suas extremidades, para abastecer a água da casa. Aos 12 anos, como de homem só tinha eu, uma vez que ainda criança perdi meus 02 irmãos homens. Meu pai doente, isento do trabalho braçal, tive que assumir as tarefas domésticas da casa.

Estudar foi outra dificuldade. Até meus 10 anos, morei na roça. Distante 5 km da cidade. Para alcançar a escola tinha que fazer esse trajeto a pé, na parte da tarde embaixo de um sol, enfrentado os mais adversos perigos oferecidos pela caatinga nordestina. Sozinho, pois neste percurso praticamente desabilitado.

Com 10 anos, a mudança para a cidade facilitou um pouco, só daí a vida na roça continuou desse feita distante 02 km. Aos 12 anos, a necessidade de construir uma casa na roça, a cidade só nos finais de semana. Tive que parar de estudar.

No município só curso primário, para continuar só nas cidades mais adiantadas, sem recurso fiquei até meus 22 anos sem estudar. Neste intervalo o único recurso foi buscar na biblioteca municipal o espaço da leitura. Tudo que sei hoje agradeço a este período dedicado a leitura.

Neste intervalo descobri no esporte uma paixão o futebol. Como jogador uma negação. Como diretor, ocupei dentro do futebol amador em Carnaúba dos Dantas todos os postos, tornando-me correspondente esportivo para uma emissora de rádio numa cidade vizinha.

Com a chegada do curso ginasial normal, aos 22 anos consegui uma façanha. Tendo como colega de classe meus antigos professores do primário, fui a melhor nota da turma, 9,6.

Na época já existia o transporte coletivo escolar em paus de araras, para não parar com os meus 26 anos, fui fazer um curso técnico comercial na cidade vizinha. Foi quando aos dois meses do curso, a oportunidade de um emprego no norte de Goiás cidade de Araguaína 1972, gerenciar uma loja dum tio meu. Através desse emprego consegui, encaminhar toda minha família no ramo do comércio. Em Araguaína permaneci até 1981, a chance de gerenciar uma filial do grupo no Pará, Conceição do Araguaia, onde permaneci até agosto de 1982. O Goiás ficava pequeno, para o já famoso Bira Dantas.

Com o surgimento do estado do RO num outro grupo, com estágio de 12 dias em Cuiabá - MT a chance de ganhar mais. Em Porto Velho - RO, de 1982 até 1996. Transferido no mesmo grupo para capital do Estado do Acre, Rio Branco, onde permaneci até o ano de 2000. Começava a decadência, com a falência do grupo.

Voltava as origens comercial de Araguaína, agora estado do Tocantins. De cara uma oportunidade de emprego no interior do Pará, São Geraldo, onde fiquei 20 dias, seguindo transferido para Eldorado dos Carajás, onde permanecemos por 7 meses. O ganho pouco, o custo de vida alto, achei que era hora de parar. Joguei tudo para o alto, com destino a Carnaúba dos Dantas, onde fiquei até 2004. Com a morte da minha mãe, nada me prendia mais em Carnaúba.

Em Palmas, em abril de 2004, morando de favor, acolhido por uma irmã, bem estruturada no setor Santa Fé em Taquaralto. Com toda minha bagagem acumulada no transcorrer de tantos anos, logo tornei-me famoso através das juninas. Palmas engatinhava querendo se firmar no cenário junino nacional, mas faltava experiência.

Em 2004, com o grupo Quadrilha Pega Fogo, fomos campeão do grupo de acesso.

Em 2005 na divisão principal o troféu de melhor marcador do arraiá da capital. Em 2008, 2º colocado no arraiá da capital o direito de representar o Tocantins em Brasília - DF. Onde nos colocamos entre as 06 melhores do Brasil e o marcador Bira Dantas, passou a ser reconhecido em todo o território nacional.

Em 2012, desgostoso por ver as juninas tomarem outros rumos, afastei-me do movimento. Atualmente, através de colégios e igrejas procuro mostrar o trabalho tradicional de como eram as quadrilhas antigamente.

Na UMA foi a gerontologia, que me atraiu. Em 2009 já havia feito um trabalho voluntário junino com Universidade da Maturidade, trabalho esse que ficou só nos preparativos, sem apresentação ao público. O professor Neto e a Dr^a Neila, bem que insistiam para que eu frequentasse a UMA.

Se hoje estou na UMA, devo isso a Margarete, que ao fazer uma visita no início de 2017, a mesma estava matriculando acadêmicos novos. Mostrou-me todas as facilidades, não tive outra alternativa a não ser entrar nessa nova empreitada.

Como tenho facilidade de escrever, o cordel corre nas minhas veias, já andei aprontando algumas. Na excursão na cidade de Goiás, deixei 03 trabalhos meus arquivados junto ao acervo cultural do Museu Cora Coralina.

Na biblioteca da UFT ao participar do projeto Biblioteca Viva, o cordel foi alvo das atenções, com vários poemas em cordel arquivados naquela casa de cultura, com o coordenador do evento Marcos.

Quanto a minha vida amorosa, um desastre, não gosto de comentar a respeito. Não casei, não por falta de oportunidades. Conheci mulheres fantásticas, só que a outra metade nunca se completou. Ajudei uma irmã em dificuldade a acabar de criar seus 04 filhos. Hoje todos casados me adoram. Ajudei uma sobrinha também em dificuldade, a criar uma filha.

Toda uma vida dedicada ao trabalho comunitário. A única coisa que tenho medo é da decadência. Tomara que ao atingir essa fase o Tocantins já tenha casa de repouso para idosos carentes, como eu, serei um candidato.

O Cordel não poderia ficar de fora né mesmo Seu Bira? (g.n.)

Literatura de Cordel Improvise em versos Tema:

Uma festa com 100 anos Não é todo dia que acontece evento tão badalado,
São cem anos de convivência Juntos, jovens e velhos, bem acasalados.

Cem anos, não são cem dias merece uma baita comemoração
UFT e UMA intergeracionados para colocar a velharada em ação.

A festa começa à tarde termina com o anoitecer
Não vão ficar assustados com o que possa acontecer.

Junho é o mês das quadrilhas uma cultura tradicional
O chitão e o xadrez figurino bem original

Quanto aos comes e bebes pouco açúcar e sal a gosto
A música bem arrochada pró suor, escorregar pelo corpo.

Do chá da casca do abacaxi sai, o famoso aluá do sertão
Milho verde assado na fogueira e bandeirolas na decoração

Pegar a polpa do abacaxi om 200ml de vodka gelada
Bater no liquidificador Servir no toco do abacaxi, a tradicional batida es preparada.

A cadeia do amor para os namorados aprisionar
Sem faltar o correio elegante para juras de amor trocar.

A caipirinha, da cachaça com limão em rodela, com água e cachaça amassar Açúcar, o limão
verde com casca e tudo servir para os quadrilheiros mais animados ficar.

Como preparar a cuba libre Montilla e coca-cola, numa taça misturar, enfeitar a borda do copo Com
a rodela do limão

Na boca guela a dentro pronto para confusão.

O arraial está pronto tá na hora de partir
Agora, só daqui a cem anos Juntos, esta vida ativa curtir



“Na minha juventude pude aproveitar bastante, nunca fui de ter muitos namorados, mas os que tive foram bem escolhidos pois, eu era muito exigente.”

19 DE MAIO DE 1956

Nasci em 1956, na cidade de Peixe/TO, com a mãe Eva Bueno Borges e pai Ary Pereira Borges, meus irmãos são: Ismar Pereira Borges, Cleomar da Silva Trintade Borges, Cleonice Pereira Borges, Antônio Feliciano Borges, Ari Pereira Borges Júnior, Eutarzan Irineu de Carvalho, Urivane Irineu de Carvalho, Ivone Irineu de Carvalho, Carlos Alberto Irineu de Carvalho, Monica Irineu de Carvalho, Zuleica Irineu de Carvalho e Zulmiran Irineu de Carvalho.

A maior parte de minha infância passei na cidade de Almas, na época município de Goiás, hoje Tocantins. As brincadeiras em que me divertia com os amigos era brincadeiras de rodas, boneca, pular corda e jogar queimada. Uma parte da minha adolescência passei em Natividade e outro em Porto Nacional. Fiz o primeiro grau na cidade de Natividade, segundo grau em Porto Nacional e a faculdade em Dianópolis, extensão da Universidade do Tocantins (UNITINS) campus Arraias.

Na minha juventude pude aproveitar bastante, nunca fui de ter muitos namorados, mas os que tive foram bem escolhidos pois, eu era muito exigente. O que eu mais gostava nessa época era jogar bola e também assistir filmes.

Aos 19 anos de idade conheci Hailton dos Santos Lima, namoramos, 2 anos depois nos casamos. Durante nossa união nasceu Anderson Borges Mota. Esta união durou apenas 6 anos, por incompatibilidade de gênios nossa união se acabou. Nos separamos e 4 anos depois conheci uma pessoa na qual não chegamos a casar, mas tivemos um filho que demos o nome de Rodrigo Bueno Borges, o qual só me trouxe alegria.

No ano de 1987 eu me divorciei, em 1990 conheci uma pessoa na qual nos relacionamos durante 8 anos. Vivemos muito bem durante esse período, só que, como ele trabalhava em uma empresa multinacional, acabou indo pra Cuba como geólogo fazer uma pesquisa.

Durante os 5 anos nos quais ele trabalhou lá, ele vinha ao Brasil as vezes de mês em

mês até que o nosso relacionamento se esgotou, acho eu que até mesmo pela distância. Então resolvi dedicar somente ao meu trabalho e a meus filhos, e não me arrependi.

Hoje tenho um filho casado e 2 netas, a Julia com 12 e a Isabela com 5 anos, as quais amo demais. Raramente meu filho pede para elas ficarem comigo, as vezes quando vão fazer compras ou ir a um evento a noite.

O outro filho mora no estado do Pará, pois fez um concurso federal e passando teve que se mudar. Mas, sempre que posso vou ficar com ele e quando dá ele vem nos visitar. Enfim, aposentada a quase 6 anos e muito ociosa, um dia uma amiga, aliás, uma colega de faculdade me convidou para frequentar a UMA que lá eu ia me sentir bem, ia fazer novas amizades; então em fevereiro de 2016 resolvi ir até a UFT e procurei a UMA. Lá eu fui bem recebida, gostei e estou até hoje.

Hoje me sinto uma pessoa completa porque não fico só em casa, além de assistir as aulas, participo do grupo de teatro. Me sinto uma pessoa útil; sinceramente não faço planos, vivo a vida como posso, indo também para igreja, onde lá eu sou coordenadora da pastoral social na nossa comunidade.

DOS LABIRINTOS DE REDE CONSTRUO OS CAMINHOS DA VIDA



Luizinha Costa da Silva

"Naquele tempo tinha palmatória, o que errasse o professor autorizava bater, com uma dúzia de palmadas nas mãos, chegavam a ficar vermelhas. Nós já ficávamos pensando na sexta feira como seria (...)ele morava mesmo em nossas casas depois que nós todos já sabia ler e escrever uma carta, meu pai pagou ele direitinho, assim ele foi embora."

19 DE JULHO DE 1960

Eu nasci em 19/07/1960, a minha falecida mãe se chamava Dimar Costa da Silva e meu pai que é vivo Benedito Paz da Silva.

Meus irmãos ao todo que se criou eram 9 mas, vivo tem apenas 6 vivos, onde 3 são homens 3 mulheres. O nome dos que se encontram vivos é: Luiz, o mais velho, Delcy, e Aroldo, as três mulheres são: a Eny, eu Luizinha e Marilene. A nossa mãe faleceu em 2005 e em seguida o irmão mais novo, o Antonio José, em seguida faleceu o Neuracy que era o segundo irmão mais velho dos homens, na sequencia o Joacy que era um dos gêmeos com o Delcy que está vivo.

Eu me lembro quando criança nós só tínhamos direito a brincar nos finais de semana, pois durante toda a semana os que não davam conta de trabalhar na roça, ficava em casa pra olhar as panelas pra que não faltasse fogo e também não podia deixar queimar o feijão ou a fava, vigiar as galinhas e porcos para não deixar entrar dentro de casa, também buscar água no córrego nas cabaças; conforme o seu tamanho e idade era o tamanho da cabaça.

Pelo mais era muito bom "o quebra jejum", como nossa mãe dizia variava, tinha dia a gente comia ovo frito com a sobra do arroz do outro dia a noite, fazia uma farofa misturando ovos com o arroz junto, era muito gostoso, outro dia era farofa de carne com café e leite, outro era coalhada seca com farinha, outro farofa de torresmo de porco com farinha, se tivesse arroz colocava junto também, tinha beijú com leite as vezes, também tinha buriti ou bacaba.

Olha, a gente era muito feliz e não sabia, era sossegado, a nossa mãe acordava às 3 horas da madrugada bater algodão e pra botar a tarefa de cada uma pra fiar o algodão cada uma no seu balaio, um tanto pra cada dia fiar no fuso e eu aprendi fiar na roda da mamãe quando ela não estava eu tinha curiosidade que eu dava conta e aprendi mesmo.

Fazia aqueles labirintos ou chamados varandas para bordar depois que fazia, tirava daquela almofada cheia de capim, colocava um papelão todo traçado em quadrinhos e em cada canto daquele quadrinho ia fincando uns espinhos de mandacaru, nós fazíamos os bilrrros de coco de macaúba e os canudos de enrolar as linhas no bilrronós fazíamos de talo de coco piaçaba, nessa época eu tinha uns 5 a 6 anos.

Morávamos numa fazendinha que meu pai comprou, lá tinha muitas frutas, era uma fartura de tudo e neste tempo o nosso pai contratou um professor particular para nos ensinar a ler e escrever, conhecer a letras com um buraquinho no meio do pedaço de papel e tinha dia do argumento que era na sexta feira, lá os vizinhos também colocavam seus filhos para estudar conosco, nossos primos também estudavam ali.

Naquele tempo tinha palmatória, o que errasse o professor autorizava bater, com uma dúzia de palmadas nas mãos, chegavam a ficar vermelhas. Nós já ficávamos pensando na sexta feira como seria. Todas as letras desde o “a, b, c” eram feitas manual pelo professor, no qual nos tinha carinho e respeito muito grande por ele, Sr. Bernadino. Era um senhor de idade sozinho, mas de muito respeito, ele morava mesmo em nossas casas depois que nós todos já sabia ler e escrever uma carta, meu pai pagou ele direitinho, assim ele foi embora.

Eu ainda hoje lembro dele, do seu jeito físico. Lembro também dos fins de semana com meus irmãos, iam pro campo passarinhar (matar passarinho) à pedra de badoque e à funda, nós meninas em uma sombra boa forrava com um pano grande e colocava as bonecas mães e filhas, eramos nós mesmas que fazíamos as bonecas de pano e também as roupas delas. Dizíamos que era nossas filhas e nós mesmas éramos as madrinhas das filhas das outras irmãs. Era comadre para lá, comadre prá cá. Nós trocávamos de roupas as bonecas, dava banho, era só passando a mão que o banho acontecia.

Tinha diasem que brincávamos e dizíamos que a filha estava doente e pedia a comadre para ajudar a olhar a filha que estava com muita febre, a gente rezava pelas bonecas, em algumas vezes dizia que viajava com nossas filhas, era muito bom.

Nós não conhecíamos estas hoje. Mas tinha uma perturbação, eram nossos irmãos que iam escondidos e rasgavam as nossas bonecas e acabava todas as nossas brincadeiras.

Depois eu já estava com doze anos nos mudamos para cidade e lá fomos estudar no colégio municipal com mais colegas, a vida era outra, aí já estava começando a olhar para os rapazes, mas eu era muito vergonhosa, quando eu vim pegar na mão de um rapaz eu já tinha 15 anos de idade.

Foi logo nos mudamos de Palmeirante, numa fazenda que fica próximo a Colinas, por isso não deu para que eu continuasse a estudar, daí eu me casei com 17 anos de idade.

Meu casamento não foi como eu queria, como eu pensava ser feliz, logo entrei

em depressão no início da gravidez do primeiro filho, eu era uma menina que não tinha conhecimento, era desinformada de tudo, eu não queria me separar fazendo capricho para não ser falada, pois, eu achava que se eu me separasse era vergonhoso.

Tive 5 filhos, não sei como estou viva!! Tive os filhos sem fazer pré-natal, sem consulta médica, o parto de todos foi em casa com o auxílio de parteira. Cheguei a ficar muito doente devido à falta de tratamento e a depressão que só aumentava, então pedi separação. Meu marido me despachou, dizendo que não iria comprar nenhum comprido e que por ele eu estava entregue para morrer.

Para eu estar aqui hoje, tive que me separar e fazer tratamento e mesmo sem querer tive que deixar os meus filhos com ele alguns anos enquanto conseguia comprar um lugar e poder buscar meus filhos.

Hoje, estão aqui trabalhando, estudando, meus filhos uns casados outros já separados, cuidando de si e de suas famílias e eu estou aqui neste lugar do qual eu ouvia pessoas falar de bem e cá estou depois de separada, estudei, terminei o ensino médio, fiz vários cursos e hoje estou realizando um sonho graças a Deus.

Quando ao pai dos meus filhos tem três anos que ele morreu.

VENCI O VÍCIO DAS DROGAS DE MEU FILHO ATRAVÉS DA ORAÇÃO



Eliezita Castro S. de Santos

“Meu filho mais velho, cursava arquitetura no IFTO, mas se envolveu com as drogas e então acabou todas suas expectativas, só foi sofrimento dele, pois ele foi no fundo do poço, foram vários anos de sofrimento, mas nunca perdi a fé em Deus”

29 DE AGOSTO DE 1950

Meu nome é Eliezita Castro S. de Santos, nasci em 29/08/1950 em uma cidadezinha localizada no interior. Filha de Francisco Castro e Maria de Jesus minha mãe, já falecida; meu pai está com 90 anos com lucidez. Tenho 3 irmãos sendo um adotivo, tenho 3 filhos: Eljhelton, Antonio R. Neto Tenho 3 netos, Ana Gabriela, André Felipe e Bernardo. Sou muito feliz com essa nova geração.

Minhas brincadeiras eram com boneca de pano que minha mãe fazia, fui para a escola quando já era bem grandinha, pois na época não tinha creche, tive uma infância muito sadia e feliz, pois éramos livres para brincar onde queríamos. Não tenho muita lembrança de minha adolescência, custei a namorar, pois era muito raquítica. Me casei, aos 30 anos, fui muito feliz em meu matrimônio, mas, meu companheiro veio a falecer vítima de um acidente de moto.

Hoje vivo com meus filhos e netos, sou muito feliz com a vida que tenho, ainda mais agora que conheci a UMA, onde pretendo me formar, gosto disso, faço o que quero, meus filhos não interferem em minha vida. Quero envelhecer assim com saúde e perseverança. Quero autonomia!

Era casada e amava meu marido, éramos felizes com meus 3 filhos e uma neta, meu filho mais velho, Elyhelton cursava arquitetura naUFT, mas se envolveu com as drogas e então acabou todas suas expectativas, só foi sofrimento dele, pois ele foi no fundo do poço, foram vários anos de sofrimento, mas nunca perdi a fé em Deus, fui 3 anos e 9 meses na Casa de Maria, até que um feliz dia ele falou que queria ir para a Fazenda da Esperança no ano de 2008.

Quando ele estava com 7 meses na fazenda meu marido sofreu um acidente e faleceu, mas em nenhum momento eu reclamei e desanimei, só pedi a Deus que meu filho continuasse o tratamento na fazenda. Graças a Deus, ele concluiu no ano de 2009, hoje ele é embaixador e eu voluntária da Fazenda da Esperança, tem um instituto de viver ao encontro das pessoas que estão nas drogas. Acompanho ele em tudo, agradeço a Deus pela recuperação dele e minha.

Esta é um pouco da minha história na fase adulta. Sou Católica Apostólica Romana e brasileira!

CASEI DEPOIS DE 15 DIAS DE CONHECER MEU MARIDO

Maria de Lourdes Carneiro



"Minha juventude foi muito boa, brincava, trabalhava e ia para festas, eu era mais reservada, não namorei muito, íamos aos domingos fazer vespéral de rabeça, meu padrinho era o tocador."

05 DE DEZEMBRO DE 1949

Eu nasci no dia 5 de dezembro de 1949, meu pai se chama Evaristo Pereira Santos e minha mãe Joaquina Pereira Santos, tive 4 irmãos: Inês, José, Francisco e Isabel. Eu sou a caçula da família. Passei minha infância no Creoli do Joviniano, fica no município de Presidente Dutra – Maranhão.

Quando criança eu, meus irmãos e meus amigos gostávamos de brincadeira de roda, cai no poço, cadeira de para alugar...

Estudava na Escola Benedito Leite, tinha que levar a cadeira na cabeça para a escola para que eu sentasse, pois lá não tinha. Minha juventude foi muito boa, brincava, trabalhava e ia para festas, eu era mais reservada, não namorei muito, íamos aos domingos fazer vespéral de rabeça, meu padrinho era o tocador.

José, meu falecido marido foi no Goiás trabalhar, hoje Tocantins, trabalhar no garimpo e depois visitar o pai dele no Maranhão, meu sogro queria apresentar minha prima para José, mas ele não gostou muito do jeito dela, então me conheceu, gostou do meu jeito de ser e quis me apresentar a José seu filho.

Quando Jose me viu e a gente começou a se conhecer melhor e com uns 15 dias depois já íamos casar. Ele disse que ia para Goiás e que era pro irmos juntos já casados.

Nessa união tivemos três filhos: Roselma, Ruilon e Rosileia. Em 1972, 1973 e 1977 respectivamente. José Dias Carneiro, meu marido faleceu no ano de 1991, desde então nunca casei. Namorei uma vez por 3 meses, mas, isso já faz muito tempo.

Quando casei registrei uma filha do José como minha filha também. contando com os 7 filhos tenho 10 netos: Rosinha Dias Carneiro, mãe de Willian, Wideglã, Williane e Wilando. Roselma, mãe de Karillia, Kelly, Karinne e Kayllon. Rosileia Dias Carneiro, mãe de Marília, Marisa e Mirian. O Ruilon faleceu com 10 anos e não me deu nenhum neto.

Amo todos os meus netos, mas minha neta favorita é a Marília, foi a minha maior

alegria da vida quando eu soube do seu nascimento.

Hoje moro na casa das minhas filhas. Durante o meio da semana na Rosileia e os finais de semana na casa da Roselma. Apesar de ter uma casa em Araguaína, eu queria uma em Palmas, meu aconchego para receber visitas de familiares e amigos.

O que mais me deixa feliz é poder ficar ao lado dos meus filhos e netos, onde todos possam viver felizes.

NINGUÉM ESTUDOU, NÃO TINHA ESCOLA



Aldenora Pereira da Cruz

“Quando saíamos para passeios ou íamos à missa que era uma vez por ano íamos todos no carro de boi, saíamos a noite todos deitados no carro e minha mãe nos cobria com lençóis de algodão feito à mão.”

08 DE FEVEREIRO DE 1940

Eu Aldenora Pereira da Cruz, nasci dia oito de fevereiro de 1940. Meu pai Antonio Pereira Estevão e Natália Apolinário Santos e meus nove irmãos Mamedio, Adão, Agostinha, Isídia, Tereza, Neci, Maria, Eva, Cecília.

Passamos nossa infância em Goiás, na roça nós brincávamos de: rodas, ciranda cirandinha, cortavam palhas e descíamos morro abaixo era uma alegria só, ninguém estudou porque não tinha escola.

Quando saíamos para passeios ou íamos à missa que era uma vez por ano íamos todos no carro de boi, saíamos a noite todos deitados no carro e minha mãe nos cobria com lençóis de algodão feito à mão. Minha mãe fazia frito de galinha e beiju de coco e com isso passávamos o dia e só voltávamos à noite para não voltarmos durante o dia.

Não íamos à festa namorar, podíamos nem pensar nisso só íamos a missa uma vez no ano.

Não tive namorados com o primeiro casei e com ele tive três filhos a Sandra, Diomar, Adailton. Tenho quatro netos e cinco bisnetos.

Conviver com netos e bisnetos tenho dificuldade por morar longe, mas quando nos juntamos é uma festa só. Estou muito feliz, já fui muito doente, mas hoje me sinto bem e estou realizada, estudando aprendendo, aprendi muito e tenho muito a aprender, me sinto com mais saúde depois que comecei a frequentar a UMA e quero realizar o meu sonho comemorar os meus oitenta anos na UMA com todos os acadêmicos.

VELHO TEM VEZ, VOZ E EMPODERAMENTO

Maria Margarete Silva de Souza



“Tive que sair em busca de emprego aos 12 anos trabalhei no atelier de uma família portuguesa a troco de comida e do dinheiro pra comprar alguma coisa para o domingo, pois não tinha mais nada as criações foram todas vendidas para comprar remédios e curativos, pois meu pai ficou todo cheio de feridas”

22 DE DEZEMBRO DE 1950

Meu nome é Margarete, Nasci em 22 de dezembro de 1950, em Nova Friburgo, RJ, casada, 04 filhos.

Não consigo lembrar do meu mundo quando ainda criança, como se ele apagou da minha memória, não lembro do colo de minha mãe, de ter amamentado, creio que a vida sofrida dela, pessoa analfabeta, órfã de pai e mãe, aos 5 anos quase escrava na roça, onde levantava cedo para tratar do gado, criação, tirar leite, cortar lenha, na casa que a adotou, que vida sofrida.

Saiu para cidade em busca de oportunidades, trabalhar em casa de família. Aos dezoitos anos casou-se com um português 40 anos mais velho, ignorante, duro, ríspido e de família orgulhosa. Era uma escrava na sua própria casa. Não conhecia nada do mundo, não pode passar nada para os filhos. Radio? Naquele tempo só meu pai que podia ouvir, não tinha direito a nada, só deveres e obrigações.

Fiquei viúva e jogada ao vento com 04 filhos menores, sem nada, só com muita coragem determinação, fui trabalhar nas casas fazendo faxina cozinhando, lavando e passando para criar os filhos menores, não teve tempo de dar carinho, e ensinamentos. Mas sempre nos levou ao caminho da fé e da honestidade.

Só tenho lembranças a partir dos meus 8 anos que já começava a trabalhar para ter alguma coisa e ajudar em casa, encerava as casas, lavava quintal, fazia serviço de buscar pão para o café da manhã dos veranista que vinham para as casas alugadas perto de onde eu morava, as vezes a troco de ganhar um pão e o almoço para não ser pesado em casa, trabalhava a troco de comida. Íamos terrenos abandonados, com meu irmão mais velho, catar cacos de vidros para vender no Srº Henrique que comprava para mandar para fabrica de vidros, muitas às vezes a ponta do vidro perfurava a sacola e cortava nossas pernas, e tinhas que ir ao SANDU fazer curativo e ao chegar a nossa casa apanhar de cinta do meu pai porque tínhamos nos ferido.

Lembro-me de uma tia rica que morava no Rio de Janeiro, que vinha às vezes visitar meu pai, chegava de automóvel alugado, com chofer de luvas brancas e toda a pompa que pudesse ter, quando ela chegava tinha sempre almoço janta boa, pois minha mãe tinha criação, horta pomar, morávamos de caseiros num pequeno sítio, e toda nossa alimentação saía de lá. Mas criança quando tinha visita queria fazer graça para chamar atenção, aí minha tia que todos tiravam o chapéu por ser rica, pegava o cinto, batia e colocava atrás da porta de castigo, como eu tinha raiva dela.

Meu pai andava doente, um dia chegou e disse que iria fazer uma operação, não falava o que era também criança não sabia nada disso nem podia perguntar.

Eu já estava por volta de 11 anos a situação ficou preta, meu pai não podia trabalhar, nunca contribuiu, pois trabalhava por conta própria de pedreiro.

Ficou doente acabou a renda, foi vendendo algumas coisas que tinha para pagar a conta do armazém, vendeu minha bicicleta Monark de moça, foi minha primeira grande perda na vida, pois levava e buscava as trouxas de roupas que minha lavava para fora.

Chorei muito nesse dia, mas não podia falar nada. Já no final de vida do meu pai pois sofreu quase 3 anos numa cama, com dores horríveis, lembro ainda dos seus gemidos pois nossa casa era apenas uma cozinha e um quarto. Meu irmão mais velho tinha uma cama na cozinha, eu, minha irmã e meu irmão mais novo dormíamos todos no mesmo quarto e ainda veio morar conosco uma Tia solteira para ajudar nas despesas e dormia no chão.

Tive que sair em busca de emprego aos 12 anos trabalhei no atelier de uma família portuguesa em troca de comida e do dinheiro pra comprar alguma coisa para o domingo, pois não tinha mais nada as criações foram todas vendidas para comprar remédios e curativos, pois meu pai ficou todo cheio de feridas.

Aos 13 anos meu tio arrumou numa fábrica de linhas para mim, fui trabalhar escondida da fiscalização pois não tinha idade para assinar a carteira, vivia sempre saindo pela porta dos fundos para fugir da fiscalização.

Lá, passei por todas as etapas, desde a “meadeira”, que era o pior serviço, mas fui me dedicando, fui melhorando, estudando, pois isso minha mãe não deixou de nos levar a escola, trabalhava durante o dia e estuda a noite e fazia horas extras sábados e domingos quando o patrão solicitava.

Apreendi muito, a participar de feiras, cursos de bordados, onde me chamava eu ia. A sede de ganhar uns trocados para ajudar em casa era grande. Quando completei 14 anos meu pai veio a falecer, aí a situação piorou muito, a proprietária do sítio onde morávamos, sem dó nem piedade, quando chegamos do enterro, lembro até hoje de suas palavras para minha mãe. Agora que o Srº Manoel morreu vocês não me servem mais, peço que saiam.

Minha mãe saiu a procura de uma casa barata para irmos morar, meu salário de menor dava apenas para pagar o aluguel, não sobrava nada, teve dias de ir em casa para almoçar e voltar para trabalhar sem ter o que comer, contando com o café com biscoito que o patrão servia.

Continuei a trabalhar na fábrica, o tempo foi passando, aprendendo mais e mais, fazia todas as notas fiscais da empresa máquina manual, e depois na de escrever elétrica que passei a usar sem ao menos ter feito o curso de datilografia, pois não era acessível a todos, mas não podia falar para o patrão que não sabia, para garantir meu emprego aprendi a digitar “catando milho”. Comecei a namorar, e após completar 18 anos me casei, em 1968. Estou quase completando 48 anos de casada.

Foram anos de muitas lutas, batalhas para construir uma vida melhor, sempre trabalhamos muito para poder dar aos nossos filhos um pouco do que não tive. Na minha casa sempre priorizei uma boa alimentação, acho que para compensar as muitas vontades que passei na infância.

Sempre lutei pelo meu espaço, mesmo após sair a fábrica continuei a trabalhar em uma empresa que fabricava roupas, eu fazia toda parte de escritório, após 5 anos tive meu primeiro filho, ai não podia trabalhar fora, então eu bordava para confecções, costurava e ensinava crianças a fazer deveres de casa, eram muitos e eu tenho muito orgulho de tê-los ensinado pois muitos hoje são professores e pessoas bem sucedidos na vida.

Seguimos nossas lutas, tivemos mais 2 filhos Deus me deu mais uma para que eu criasse como minha filha lutei e conseguimos abrir um armário que com muita luta crescemos bastante, criamos e educamos as crianças com esse nosso trabalho.

Após 35 anos de trabalho me aposentei, filhos criados e encaminhados, netos chegando e ajudando a criá-los, mas já estava cansada e o desejo de mudanças aflorou mais e mais.

Vim a Palmas em visita ao meu irmão que não o via a quase 9 anos. Ao chegar aqui, me encantei com Palmas a mais nova capital do Brasil. Recebi convite de meu irmão e minha cunhada para vir morar aqui, pois tinha acabado de me aposentar aos 52 anos de idade, pois trabalhei desde 14 anos com carteira assinada. Sempre sonhei em sair de minha cidade e conhecer novos lugares, novos costumes e tradições desse Brasil de muitas raças e povos.

De volta à Nova Friburgo, minha terra natal, convenci meu marido a vir conhecer esse lugar maravilhoso. Decidimos morar aqui durante uns 6 meses. Fui para o Sesc fazer hidroginástica e deparei-me com um cartaz da Universidade da Maturidade, logo fui buscar informações e me matricular.

Em 2007 ingressei na UMA, e vi que tinha muitas oportunidades de crescer e realizar

sonhos, além de grandes aprendizados.

Com o incentivo da UMA e seus professores, fui estudar a noite e concluí o ensino médio tão sonhado. Aprendi aqui a modernidade da era da internet, pois quando me perguntavam o meu e-mail eu achava que isso era coisa impossível de alcançar.

Fiz muitas amizades das quais ainda hoje temos fortes ligações. Na UMA aprendi que velho tem vez, voz e empoderamento. Hoje aos 65 anos me sinto com muito mais sabedoria e esses cabelos brancos me dão poder, eles impõem respeito e direitos, por este motivo não vou mais pintar. Logo após minha formatura onde recebemos o Título de Educador Político Social do Envelhecimento, fui morar e administrar um hotel em Xambioá TO por 2 anos.

Tempo depois, voltei para minha cidade natal, e com os conhecimentos adquiridos durante as aulas continuei o meu caminho realizando trabalhos. Apesar de estar perto da família, quase entrei em depressão, pois sentia falta da UMA, das oportunidades, dos conhecimentos e das relações com as pessoas.

Meu marido e eu decidimos voltar para Palmas, para a UMA ao chegar aqui fui logo começando a trabalhar, hoje eu e meu marido somos funcionários, participando, vivendo e convivendo, com todas as coisas boas que ela oferece, na UMA aprendemos a valorizar o que o mundo se nega a enxergar, a nossa velhice, nossas experiências, nossas vivências, os velhos estão vivendo mais e precisando conviver em grupos, muitos mesmo no seio da família são abandonados deixados de lado.

Os jovens hoje têm todas as tecnologias a seu favor, que para muitos velhos ainda é assustador, mas podemos passar para eles tudo que usamos e tivemos no passado, e que eles só verão em museus e fotos. Nosso lema é “E preciso saber viver”, Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Saber viver e passar a pensar mais em você, se amar, se gostar, aproveitar todas as oportunidades que a vida oferece, pois nosso momento é hoje, agora, já, amanhã talvez não tenhamos mais tempo. O protagonista de nossa história somos nós mesmos, e temos que deixar legado para nossos herdeiros.

JUREI QUE MEU CASAMENTO SERIA PARA SEMPRE. E FOI.

Waldette do Espírito Santos



“Todos me respeitam e me dão carinho. Disputam entre eles, para me convencer a morar com eles, mas eu não quero gosto da minha vida livre de responsabilidades, vivo o dia a dia com quero vou onde quero. Não abro mão das minhas viagens.”

27 DE FEVEREIRO DE 1937

Meu nome é Waldette do Espírito Santos, nasci no ano de 1937, no mês de fevereiro no dia 27 em belo Horizonte. Meu pai Garcindo do Espírito Santo e minha mãe Odete Andrade do Espírito Santo.

Passei minha infância, em belo Horizonte, foi uma infância tranquila. Brinquei muito de pular corda, peteca, bola, subir em árvores, aliás era o meu preferido. Adorava subir bem alto e olhar tudo a cima e a baixo do ponto onde eu estava. Tinha liberdade vigiada, pois era muito agitada.

Aos sete anos entrei para a escola pública “Caetano Azeredo” onde fiquei como ouvinte, não sei porque, assim vivia rodando atrás da professora de canto que dava aula acompanhada pelo piano que ela tocava. A música foi a minha primeira paixão.

No segundo ano repeti mas continuei com a mesma professora que eu adorava. Dona Jandira.

Aos doze anos completei a 4ª série até hoje me lembro do lanche de despedida. Leite com chocolate e pão doce com manteiga. Hoje detesto leite com chocolate e não como pão.

Aos treze anos entrei para o colégio Pio XII, onde fiz o ginásio e o curso normal.

Sempre fui uma aluna responsável e estudiosa, gostava das “irmãs” tinha especial carinho pela irmã Ligia professora de Frances e irmã Ondina de português. Só não gostava da professora de inglês era muito chata e isso reflete até hoje, detesto a língua inglesa.

Meu pai foi um herói, pois, com seu trabalho de taxista, sustentava dezesseis pessoas. Meus doze irmãos Walquiria, Walcy, Wilma, Walnei, Walter, Nilo, Rui, Willian, Gracindo, Mirian e Rosangela minha avó paterna também morava conosco. E ainda pagava colégio particular para todos que desejassem estudar. Não obrigava seguir nos estudos, mas o primário ele obrigava a frequência e a produção nos estudos.

Minha adolescência foi tranquila, numa casa cheia, com obrigações determinadas, as quais tinham que ser cumpridas. Tínhamos a obrigação de estudar sozinhos, pois meus pais só tinham o primário, mas nos orientavam a ler muito e sempre íamos à biblioteca do SESI para consulta e pegar livros.

Até aos dezoito anos vivi uma vida calma, trabalho de casa, estudo e cinema. Todas as noites íamos no cine Rozy, mamãe sempre levava os maiores que queriam ir, e o bebê de colo que todo ano nascia lá em casa.

Só tive um namorado, que depois foi meu esposo por 50 anos. Conheci meu marido na porta da minha casa quando ele estacionou o caminhão “Alfa Romeu” fiquei apaixonada na hora. Era alto, moreno, e tinha um sorriso lindo, assim quando ele perguntou se podia vir para conversar, aceitei sem pensar.

Fomos felizes, apesar das dificuldades da vida, ele viajava muito, pois estava pagando o caminhão. Eu ficava sozinha no início, pois morava com a sogra, mas ela, ficava sempre na casa da filha dela e só dormia em casa. Mas sempre fui uma mulher decidida e persistente. Jurei que meu casamento seria para sempre. Foi. Mas foram anos de luta, sacrifícios, brigas, cansaço, alegrias etc.

Tive quatro filhos a Solange, três anos depois o Wilson, treze anos se passaram e nasceu Soraia, mais três anos e Simone nasceu, então liguei as trompas, pois não queria mais filhos e estava com 42 anos.

Agora viúva desde 2009, vivo atualmente em Palmas com meu filho e minha neta. A casa me pertence vou vender para fazer a partilha. Tenho uma boa aposentadoria, que me permite levar uma vida tranquila. Parei de dirigir a alguns anos e vendi o carro, prefiro pegar táxi sai mais barato, no dia a dia uso transporte público.

Tive um marido companheiro, calmo e contador de piadas, que me deu quatro filhos amorosos.

Tenho dez netos, os mais velhos entre vinte e um e vinte anos, são filhos da Solange, a mais velha. O Wilson só tem a Natália. A Soraia tem um casal de dezesseis e doze anos. Simone tem a Luana de dezesseis anos, a Isabela de doze e Bruno de quatro anos.

O Bruno é o meu “queridinho” pois acompanhei a gestação, nascimento e ficou comigo até aos dois anos quando vim para Palmas. Todos me respeitam e me dão carinho. Disputam entre eles, para me convencer a morar com eles, mas eu não quero gosto da minha vida livre de responsabilidades, vivo o dia a dia com quero vou onde quero. Não abro mão das minhas viagens.

Adoro fazer trabalhos de artesanato manual e cartonagem, faço por prazer e para presentear pessoas queridas. Fazia hidroginástica e alongamento, mas com o coração dando “tititi” fui advertida para parar com as atividades físicas, passei então a fazer

fisioterapia, relaxamento e frequente curso de desenho e as aulas da UMA.

Fiquei triste com as restrições, mas aos oitenta anos não posso reclamar, pois ouvindo o relato de alguns colegas eu entendo o quanto Deus foi generoso comigo, me deu muita saúde e disposição para enfrentar a vida, me deu pais amorosos, exigentes que me tornaram uma pessoa honesta e leal.

E muitos sonhos que pretendo realizar ainda, pois, enquanto viver vou continuar a sonhar sem me preocupar com o amanhã. Vivo bem hoje amanhã, Deus proverá.

AGORA ESTOU COMPLETA

Maria Nadir de Oliveira Cavalcante



“Descobri que meu marido tinha leucemia. Essa luta durou quatorze anos de sofrimento, ele faleceu, achei que tudo tinha acabado.”

05 DE AGOSTO DE 1946

Meu nome é Maria Nadir de Oliveira Cavalcanti, nasci em 05/08/1946 em Acopiara no Ceará. Meus pais José Francisco de Oliveira e Minha mãe Maria Assunção de Oliveira. Minha mãe teve vinte e cinco filhos mas criou apenas quatro. A Maria Nadir, Maria Nercir, Maria Gessi e Maria Andressa.

A minha infância foi muito feliz, quando eu tinha cinco anos nos mudamos para São Paulo, deixando um irmão casado no Ceará, moramos por dois anos em São Paulo em seguida fomos para o Paraná, eu e meu irmão muito feliz.

Quando completei quinze anos casei e morei perto dos meus pais por pouco tempo e depois mudei para o Mato Grosso. E tive oito filhos. Em uma época muito difícil mudamos para Goiás que hoje é o Tocantins. Acabei de criar meus filhos, todos se casaram, minha vida foi boa, lutei muito, mas consegui vencer.

Morava em Itaporã, permaneci vinte e oito anos lá. Ao passar do tempo descobrimos que meu marido tinha leucemia, devido o tratamento dele decidimos mudar para Palmas.

Essa luta durou quatorze anos de sofrimento e ele faleceu, achei que tudo tinha acabado apesar de ter uma família muito boa eu não me conformava. Resumindo hoje tenho cinco filhos que moram aqui em Palmas e um em Itaporã-TO. Uma no Pará, outro no Mato Grosso. Tenho dezessete netos e quatro bisnetos lindos. Hoje já tenho quatro anos de viúva.

Hoje já faço parte da UMA, conheci pessoas incríveis aqui consegui minha segunda família. Agora estou completa, sou grata por tudo que Deus me fez. Agradeço meus amigos meus professores e minha família por me fazer feliz. Obrigada Deus.

MINHA FAMÍLIA ESTÁ EM CONSTRUÇÃO

Maria de Fátima dos Reis



“Um belo dia saindo da igreja recebo um recado de alguém que gostaria de falar comigo, fomos conversando até em casa, minha mãe atrás é claro né!! Mas pela primeira vez não senti medo dos meus pais e nem eles falaram nada. Meus pais não brigaram por eu estar com eles, o nome desde rapaz, é João Batista o qual namorei por 7 meses e noivei por 8 meses.”

15 DE JUNHO DE 1958

Sou Maria de Fátima dos Reis, nasci em Goiás numa fazenda chamada Cana Brava. Sou filha de Sebastião Vicente da Silva e Maria Francisca da Silva. Tenho dois irmãos chamados Divino Vicente, o primogênito e José Carlos o caçula.

Passei parte de minha infância nessa fazenda. Comecei a estudar numa casa de tábuas na fazenda do meu tio a distância de uns quatro quilômetros de casa.

Adorava brincar de bonecas, cozinhar fazer “cozinhadinha”, um detalhe minhas bonecas eram de milho quando estava na época e de sabugo. Tive outra quando juntei dinheiro abrindo porteira para os carros, ganhava moedas ou balas. Pedi meu tio para comprar uma para mim, acho que o dinheiro não foi o suficiente, mas com o sacrifício meu tio trouxe.

Puxa vida, ela era linda rsrs, imóvel toda nua, olhos pintados, quando fui brincar com minhas primas logo ela unhou os olhinhos dela que tristeza fiquei, aí guardei a boneca, só pegava para brincar quando estava sozinha.

Ah! Brincava também de: roda, pau a pique, de ficar vendo as nuvens, formando uns desenhos.

Com uns 8 anos, mudamos para cidade, comecei a estudar. Lá as classes eram separadas muitas pessoas diferentes ou melhor sem ser parentes. Minha escola era muito legal adorava os desfiles aos 7 de setembro, pois havia hasteamento das bandeiras. Nessa época tinha o curso de admissão. Minha adolescência, era muito legal, às vezes recebia cartas, bilhetes de alguns fãs, mas nem namorava ficava sempre em casa e quando saía com meus pais fazia de conta que namorava um rapaz, mas só de longe, gostava muito.

Minha vida era para escola, casa, igreja. Tinha uma festa anual que era muito legal aliás até hoje ainda existe: Festa do Divino Pai Eterno, na cidade chamada Trindade-Goiás. Participei desta festa desde um ano de idade até 15 anos. Íamos de caminhão era muito bom, acampávamos nos quintais das casas em barracas por 3 dias.

Um belo dia saindo da igreja recebo um recado de alguém que gostaria de falar comigo, fomos conversando até em casa, minha mãe atrás é claro né!! Kk mas pela primeira vez não senti medo dos meus pais e nem eles falaram nada. Meus pais não brigaram por eu estar com eles, o nome desde rapaz é João Batista o qual namorei por 7 meses e noivei por 8 meses.

Aos 16 anos, casamos tivemos 3 filhos: Welinton, Willkes, Welma, que nos presenteou com 4 netos Jessica, Vinicius, Willkes Pablo E Paulo Victor e um bisneto Willkes Guilherme.

A família está em construção. A convivência, com eles é maravilhosa, sempre gostei de crianças, estou podendo curtir mais meus netos que os filhos, pois agora tenho mais temo de brincar com eles. Brincamos de jogos, de esconder, divertimos muito juntos. Hoje o ninho está vazio. Voltamos a ser só os dois em casa eu e meu esposo.

Somos felizes graças a Deus. Na sexta-feira começa a chegar os netos, só aquela festa. Todo final de semana reunimos a família pequena, mas sempre unida.

Sempre agradeço muito a Deus por ter meus pais vivos e saudáveis, independentes. Estou realizada, amo tudo que Deus me deu. Deus me deu 3 pedras preciosas para cuidar em 2007. Ele recolheu uma delas meu filho WILLKES, sinto muitas saudades.

Uma dor enorme, mas entre essa dor e a vida ainda acho espaço para sorrir e ser feliz e tentar fazer as pessoas felizes. Planejo viajar, curtir mais e continuar com meu amor muitos anos, ele foi meu primeiro amor e será sempre. Sempre com fé, esperança até o dia que Deus permitir.

FAZER FACULDADE É UM SONHO PRA MIM

Deroci Neves Ferreira



“Minhas primeiras aulas foram em casa com minha prima. A famosa escola particular foram 6 meses depois fomos estudar em uma escola pública em um povoado chamado Campestre à 3 km da nossa casa”

26 DE ABRIL DE 1956

Nasci em 1956, meu pai querido chama-se Maurílio Neves da Costa, minha querida mamãe Divindoura Ferreira Costa, meus irmãos que amo são GABRINO, JOSÉ, GENEVAL, CONRINTO, MANOEL E RAIMUNDA.

Minha infância passei na fazenda onde morávamos. Nossas brincadeiras eram: de rodinhas de famosa cirando, de se esconder, cair no poço, e muitas outras.

Minhas primeiras aulas foram em casa com minha prima. A famosa escola particular foram 6 meses depois fomos estudar em uma escola pública em um povoado chamado Campestre à 3 km da nossa casa.

Até meus 14 anos passei na fazenda e depois fui estudar em uma cidade à 6 km por nome de Cachoeirinha, foi muito bom, tenho saudades daquele tempo.

Minha juventude foi maravilhosa namorei um pouco, me diverti com festas sempre gostei de dançar, namorei quase 2 anos com quem me casei.

Foi bom, tivemos 6 filhos maravilhosos: ALDO NEVES SANTOS, ROSANGELA M. NEVES SANTOS, SOLÂNGELA NEVES SANTOS, DORALICE NEVES SANTOS. São a razão da minha vida, “descasei” e estou solteira.

Verdade sim! Vivo bem graças a Deus, tenho netos sim, 15 netos, eles são maravilhosos é um sentimento gostoso que não tem como explicar, sim. Sou muito feliz, não tanto realizada, mas muito satisfeita com a vida que tenho, o que me fez foi a liberdade em primeiro lugar, fazer faculdade que é um sonho.

LIBERDADE ANTES QUE ENTARDEÇA

Maria Acirene Gomes Monteiro



“Aos 18 anos me casei, sofri muito, meu marido era militar e eu sofri violência doméstica por dezessete anos até que consegui me libertar”

19 DE FEVEREIRO DE 1961

Eu me chamo Maria Acirene Gomes Monteiro, nasci em 19/02/1961, meu pai Assunção Gomes dos Santos, minha mãe Irene Sales dos Santos. Tenho cinco irmãs, todas mulheres. Eu passei a minha infância na fazenda perto de Porto Nacional, fazenda Barreiro Dantas. Depois a fazenda Chupé a gente vivia de agricultura. Eu não tinha bonecas para brincar, brincava com as bonecas de milho quando ele produzia.

Aos 12 anos fui morar na cidade de Porto Nacional para estudar, tempo bom, onde conhecemos pessoas e amigos na escola, onde tive meu primeiro namorado, meu pai não gostou disso, mas a mamãe nos ajudava. Tinha muitos amigos, saía para a praia, era muito bom.

Aos 16 anos fui morar em Goiânia, vida totalmente diferente, aos 18 anos me casei, sofri muito, meu marido era militar e eu sofri violência doméstica por dezessete anos até que consegui me libertar. Tenho 3 filhos, 2 mulheres e 1 homem, amo meus filhos.

A minha filha mais nova está com 23 anos e se chama Ana Monteiro, a outra se chama Ester Monteiro, tem 30 anos, e o rapaz se chama Israel Monteiro, tem 36 anos, Ana é acadêmica da Ulbra e faz Educação Física, Ester é acadêmica da IFTO e faz Gestão de Turismo.

APRENDI A GOSTAR DA MANEIRA DE VIVER



Antônia Lourenço de Mesquita

“Minha infância foi bem simples de roça, mas uma inocência e amor tão grande. Completei sete anos e meu pai me levou para um colégio interno - tudo tão diferente do meu costume, mas aprendi a gostar da maneira de viver. Se passaram três anos, voltei para férias de julho e meu pai não me deixou voltar. Foi bom”.

12 DE JANEIRO DE 1947

Meus pais: Adelina Alves da Silva e Pedro Lourenço Bastos.

Filhas: Luiza e Antonia.

Eu nasci em 12/01/1947, na fazenda Pérola município de Carmo do Rio Verde – GO.

Lá eu cresci cheia de amor e carinho, feliz da vida, muitas brincadeiras simples mais gostosas, o banho no córrego e tantas outras mais.

A escola era rural, eu e minhas amigas sempre juntas aos 8 anos meu pai me levou para o Colégio Auxiliadora que era dirigido por freiras tudo era novidade para mim longe de casa, da família, da minha mãe, só saudades e muito choro, até que acostumei, devagar comecei a gostar das novidades, passei a fazer parte do teatro, as matinês aos domingos, os pick Nick, os passeios com a turma, mas contava com a férias rever minha família, mãe que esperava por mim com tantas coisas gostosas, no final das férias de julho de 1957 meu pai me disse filha não vou mais te levar de volta para o Colégio você vai estudar em Uruana, cidade perto da fazenda, fiquei triste pois já gostava de lá.

Parecia que meu pai estava adivinhando, o nosso tempo juntos, em outubro daquele ano, ele faleceu, ficou eu e minha mãe, minha irmã já era casada, nós ficamos sem chão, pois tínhamos ficado sem o chefe da família, no ano seguinte mudamos para a cidade para eu poder continuar meus estudos. Veio a adolescência, sempre na obediência das mães e sem muitas regalias.

Estudando comecei a dividir o tempo um período na escola e outro aprendendo a bordar, costurar era isso que a gente fazia na época, um certo dia, minha madrinha pediu minha mãe para que eu fosse a uma festa com ela, lá eu conheci um moço, seu nome era Bolivar, moço mais velho que eu, veja só poucos meses depois eu já estava casada com ele tivemos quatro filhos maravilhosos, continuavam morando na fazenda, eles foram crescendo.

Bolivar gostava de plantar arroz, milho e bananal e vendia para os compradores

que levavam para São Paulo ou Salvador. Minha mãe sempre comigo aquela amiga companheira de todas as horas.

Fui professora da zona rural, onde alfabetizei meus filhos, depois mudei pra Araguaína onde meus filhos tivesse um estudo melhor, mais naquela época Faculdade era somente em Goiânia ou Anápolis, quando terminou segundo ano fomos para Goiânia fazer cursinho, prestar vestibular graças a Deus todos fizeram faculdade a UFG, casaram todos, hoje a família rendeu tenho 12 netos e uma bisneta, vendemos a fazenda e viemos para Palmas, curtir os netos.

Aqui encontrei novas oportunidades de trabalho, fazer pão de queijo congelados receita que aprendi com mamãe, quando era solteira, vendi pamonha durante 8 anos toda semana, doces e frango, queijo, artesanato, pano de prato e jogos de toalhas. Em 2013 tivemos uma felicidade muito grande, pois em abril daquele ano nos completariamos 50 anos de casados, foi só alegria juntos preparamos nossa festa de Bodas de ouro, parecíamos adolescentes. A missa foi celebrada pelo Padre Paulo Cristiano foi quem celebrou os nossos votos de casamento, com bênçãos das alianças e uma festa linda.

Mais a felicidade durou pouco tempo em 2015 ele faleceu, e eu continuo no mesmo lugar, onde vivemos juntos. Eu fiquei triste só minhas filhas me fizeram um convite para eu fazer a faculdade da Maturidade, que elas me levariam e traziam, hoje sou feliz, gosto da família da UMA, quero agradecer aos professores que nos ensinam com tanto carinho de modo especial o Dr^a: Neila, professor Luiz Neto, Margarete e todos que contribuem para o nosso bem estar, a você Margarete que nos acolhe com carinho, vocês fizeram a diferença em minha vida, obrigada que Deus abençoe vocês.

A GRANDE FAMÍLIA



Maria Deuzamar R. de Oliveira

“Vivemos 53 anos, só nos separamos com a morte no dia 26 de setembro de 2014. Ele foi para a outra vida, foi chamado e me deixou sozinha na solidão e saudade. Fazem exatamente 2 anos e 7 meses que vivo na saudade. A dor da partida é muito grande, a gente só resiste porque Deus nos sustenta.”

20 DE OUTUBRO DE 1940

Nasci no dia 20 de outubro de 1940 numa fazenda chamada Boa Sorte, no município de Araguacema, Tocantins. Meu pai chama-se José Rodrigues de Arruda, minha mãe Crisostina Pereira Coutinho. Minha mãe casou-se com meu pai que era viúvo e tinha 3 filhos: Raimundo, João e Francisco. Minha mãe teve 3 filhos: eu Maria Deuzamar, Tereza e Albinha. Aí ficou viúva e casou-se novamente com um viúvo chamado Luis Coelho de Souza que tinha 6 filhos: José Coelho, Abrão Arão, Anaides, Arcangela e Antônio e nasceram mais 3: Vitorino, Itamar e Zilda. De modo que éramos uma família numerosa.

Passei minha infância na fazenda Santa Fé. Brincávamos de boneca com uma bruxinha de pano que minha mãe fazia. Brincávamos de roda, esconde-esconde e outras mais. Estudávamos numa escola na fazenda depois fomos estudar na cidade de Conceição do Araguaia no Pará.

Tempo muito bom nossa juventude - sem preocupações, sem muita novidade. Passeávamos só nos vizinhos e algumas vezes íamos nas cidades.

Diversão mesmo era só quando íamos às festas. Dançava muito, encontrava com os amigos, as vezes até namorava. Eu não fui muito namoradeira. Logo aos 14 anos conheci o amor da minha vida numa festa de casamento de uma irmã. Namoramos 6 anos aí nos casamos. Tivemos 2 filhos: Marcio Augusto e Mary Márcia.

Foi um casamento abençoado. Vivíamos felizes, uma vida simples mas com muito amor. Meu esposo Augusto que chamávamos de Zozon, uma pessoa maravilhosa, carismático, humilde e muito honesto. Enfim, uma pessoa incrível. Vivemos 53 anos, só nos separamos com a morte no dia 26 de setembro de 2014. Ele foi para a outra vida, foi chamado e me deixou sozinha na solidão e saudade. Fazem exatamente 2 anos e 7 meses que vivo na saudade. A dor da partida é muito grande, a gente só resiste porque Deus nos sustenta. E também meus filhos e netos me dão muito apoio. Graças a Deus tenho muita amizade meus irmãos também me apoiam. Desse modo, estou vivendo graças a Deus.

Também não tive depressão. Leio muito e passeio.

A UMA também me ajudou muito. Sou grata por ter encontrado esse lugar onde se costura e remenda as dores e tristezas. Tenho 4 netos: Gustavo, Bruno, Aline e Ninah Beatriz. Os meninos são formados em Direito, Aline está formando em medicina e Ninah faz jornalismo; tenho um bisneto Benjamim que é filho do Bruno e neto do Márcio. Nossa relação é muito boa, amamos muito, estamos apaixonadas pelo Benjamim. De modo que sou uma pessoa de bençãos na vida. Só sinto mesmo a falta do meu marido.

Tenho o suficiente para viver, não sou de luxo, levo uma vida simples e regrada, apesar das dores me sinto bem viva. Tenho muitos amigos, me sinto amada pela minha família e amigos; de modo que me sinto feliz na minha velhice.

Meus planos: cuidar da saúde, viajar, conhecer novos lugares (adoro o mar), ajudar as pessoas necessitadas no que eu puder. Sou católica, gosto de participar das missas. Procuro viver em paz comigo mesma e com o próximo.

Eis aí a minha história.

MULHER DE FIBRA, FEITO A MÃE

Olair de Melo Costa



“Foi aquela emoção para minha mãe, que pegava ela no colo e falava com ela pretinha da vovó (...). Um mês depois de tanta alegria veio a triste notícia da doença da minha amada mãe, meu mundo desabou 8 meses depois ela nos deixou. Foi o pior momento da minha vida meu mundo parecia que tinha acabado. Pois quando soube que Deus tinha tirado ela pra sempre fiquei muito triste.”

19 DE FEVEREIRO DE 1970

Sou Olair de Melo Costa, nasci no dia 19/02/1970, na cidade de Ceres, Goiás. Filha de Lázaro Pereira de Melo e Luzia Rosa de Melo, tenho três irmãos, Cleonice Pereira de Melo, Gilmar Pereira de Melo e Gilvam Pereira de Melo. Passei minha infância na “roça” nos arredores do município de Xinguará no Pará.

Minha infância se resume em muitas brincadeiras divertidas e criativas brincamos de: esconde-esconde, pular corda, cantigas de roda e como toda menina de boneca, mas não era uma boneca qualquer, meus pais não tinham condições de comprar uma boneca vendida na época então fazíamos boneca de espigas de milho, criatividade era sempre bem-vinda.

Quando comecei a estudar, não era fácil como hoje em dia, andávamos eu e meus dois irmãos sete km de bicicleta para chegar à escola mais próxima da região rural em que morávamos. Passava por essa dificuldade mais era divertido, lembro me que tinha um córrego pela estrada toda vez parávamos lá para tomar banho e nos divertir. O tempo passa e a juventude chega.

Tive uma juventude curta, era uma moça muito caseira, não saía muito, pois meus pais eram muito rígidos, mas ainda naquele tempo se fosse namorar era para casar. Na maior parte ajudava minha mãe nos afazeres de casa e as vezes até mesmo ia ajudar meu pai nos serviços da roça como capinar, quebrar milhos, dentre outras coisas, de vez em quando dava aquela escapadinha dos meus pais e rolava beijinhos até escondidos.

No mês de junho de 1985, tínhamos mudado para a cidade de Floresta, estava fazendo a 4ª série do ensino fundamental, na escola estava acontecendo uma greve de professores, fui com minha madrinha que era professora para uma reunião sobre a greve, e lá estava ele ao lado do prefeito, conversamos e depois de algumas horas aconteceu o primeiro beijo, claro, as escondidas dos meus pais. Ele morava em outra cidade.

Então tivemos que mudar outra vez, fomos morar mais perto da cidade onde o rapaz que eu havia conhecido, e assim ficamos mais perto para ele vir me visitar nos finais de semana. No vai e vem em dezembro do mesmo ano ele me pediu em casamento, ficamos noivos e nos casamos no dia 12 de abril de 1986.

Dois anos depois tive minha primeira filha, estávamos ansiosos pela chegada dela ia se chamar Monnik Evelyn, a primeira neta dos meus pais nascida viva. Foi aquela emoção para minha mãe, que pegava ela no colo e falava com ela pretinha da vovó e eu não muito contente, pois, queria um rapaz e veio uma moça, mas fomos alegrando, pois um filho é benção de Deus. Um mês depois de tanta alegria veio a triste notícia da doença da minha amada mãe, meu mundo desabou 8 meses depois ela nos deixou. Foi o pior momento da minha vida meu mundo parecia que tinha acabado. Pois quando soube que Deus tinha tirado ela pra sempre fiquei muito triste.

Quando ela se foi tinha cinco meses que a tinha visto pela última vez não pude me despedir, mas a vida tinha que continuar, eu tinha que cuidar da minha filha e do meu esposo e ainda dos meus outros dois irmãos que tinham ficado sobe a nossa responsabilidade pedido da minha mãe.

Anos depois mudamos para a nova capital, Palmas. Viemos bem no começo onde tive meus outros três filhos. Segundo filho tão esperado era menino e o dei o nome de Mauricio de Melo, nasceu em Porto Nacional, depois Mariane outra mocinha nasceu em Palmas, se passaram oito anos e nasceu a minha caçula Maria Eduarda para completar a família.

Hoje meus três filhos mais velhos são todos formados, tenho uma odontóloga, outro rapaz é formado em direito e educação física, e a outra é formada em enfermagem, por resto falta a caçula a se formar.

Tenho um neto da minha filha mais velha que veio para alegrar toda a família, sempre falo para ele que ele é a luz da minha casa. Ele veio para alegrar toda a família principalmente a mim. Ser avó é a coisa mais gostosa eu não imaginava que era tão maravilhosa essa sensação.

Por último, me sinto uma mulher realizada apesar de todas as dificuldades passada na minha vida, tenho um esposo maravilhoso e atencioso comigo. O tempo todo, meus filhos e neto ficam do meu lado amo muito a todos. Quero ficar na UMA por muitos anos até o dia que aquele lá de cima me chamar para o andar de cima.

MEU CARÁTER, MINHA BELEZA

Maria Lúcia Lima de Almeida



"Foi daí que resolvi enfrentar o soldadinho e falar o que queria para mim. Eu pedi a ele que ele deixasse eu subir na escada de madeira e ver se podia ganhar uma casinha para mim morar com a minha família"

15 DE ABRIL 1952

Eu tive 3 filhos, a primeira Gorete Lima de Almeida, a segunda é Joana Lima de Almeida, o terceiro é Edcarlos Lima de Almeida, a primeira é falecida, criei uma filha adotiva, chamada Edileia Lima de Almeida. Eu com a idade de 13 anos, eu e os meus pais, viemos do Piauí para o estado de Goiás, ficamos morando em um lugarzinho chamado São João do Cipó, no município de Araguatins, Bico do Papagaio. Hoje é estado do Tocantins que tanto amo. Lá passei a minha vida de adolescência ao lado dos meus pais, sempre trabalhando honestamente sem ter o direito de sair para me divertir.

Eu na vida de criança não brinquei porque eu era a mais velha e tinha de cuidar dos meus irmãos e também de casa, e ainda tinha de fiar algodão nas horas vagas. Eu não tinha tempo para brincar, só pra trabalhar na minha vida.

A primeira festa que minha mãe levou foi no dia 5 de setembro de 1965, com 8 dias que nós chegamos do Piauí. Eu não sabia o que era uma festa, foi a primeira festa que eu tinha visto na minha vida. Para mim naquela hora foi uma grande alegria na minha vida, eu vendo tantas pessoas de duas em duas abraçadas mexendo o corpo no meio do salão. Da casa da festa, naquela hora, eu tive medo e vergonha em estar naquele lugar, porque vivia só em casa, sem andar pra nenhum lugar, a minha vida era trabalhar e cuidar da casa.

Eu a olhar quando vi chegar um rapaz moreno bem escurinho, mas bonitinho. Falou "vem dançar comigo", eu respondi "eu não sei dançar", ele novamente falou "eu te ensino", e daí eu peguei na mão dele e fui dançar com ele, mas quando eu senti um mau cheiro de bebida eu fiquei pensando "ah, ele é tão bonito, mas não é pra mim, não gosto de bebida", o seu nome era Gansão. Com poucos dias descobri que era meu vizinho. Não deu para mim, não namorei ele.

Tempos desse me apareceu outro vizinho meu. Também não deu para mim, não namorei ele também. Porque eu naquele lugar algumas mães de família me queriam como nora para elas pelo meu caráter e comportamento que eu tinha, e ainda tenho. É a minha

maior riqueza e beleza que tenho até hoje.

Ah, meu amigo, até que um dia me apareceu um rapaz que um primo meu levou para uma festa e me apresentou a ele. Ah! este eu gostei e com ele eu namorei. Alguns meses depois conheci a família dele e gostei, só um irmão dele que eu descobri que não gostava de mim, mesmo assim nós continuamos o namoro e noivamos. Ele me visitava em minha casa, até que um dia ele me deu a aliança de noivado.

Fiquei feliz em meu casamento, em minha casa, com bom rapaz de família boa, como eu também era, e sou ainda. Ah, meu amigo, como foi tão duro para mim ouvir tanta história errada a respeito deste rapaz. O nome dele Leondida Borges Conceição. Cada vez que eu ouvia eu morri um pouquinho em minha vida de tristeza. Com tantas conversas feias que eu ouvia me revoltei e pensei “o primeiro que aparecer vou me casar e sair de dentro da casa dos meus pais”.

Meu noivo foi embora para um lugar chamado 2 irmãos, ele ainda veio me ver. Ele estava muito estranho, não sabia o que era que ele tinha. Eu tentei, ele não me ouvia, assim fiquei sofrendo. Até que um dia descobri bem perto de mim o primeiro vizinho. Eu não sabia, ah, meu amigo, era um rapaz irmão do marido da irmã da minha mãe. Ele era cunhado da minha tia, ele se chamava Mauro Alagoano e ele se apaixonou por mim. Eu não sabia ler nem escrever nada, eu tinha estudado só a carta ABC. Logo ele viu que não estava mais recebendo visita do meu noivo, ele começou a fazer a minha cabeça. Como eu estava sofrendo muito a falta do meu noivo ele aproveitou e me conquistou. Nós dois fomos embora fugidos, ficamos bem perto de onde meu noivo estava. Olha, eu não sabia a distância, eu pensava ainda nele, a vida foi muito cruel comigo estou viva.

Antes do casamento eu era muito feliz, mas eu me acostumei com o meu esposo. Ele era muito bravo, mas eu não sou também muito boazinha, não dei o meu braço a torcer. Eu nunca me humilhei a ele, porque eu tinha dentro de mim uma força muito grande que me levava adiante, a forçado amor que eu trazia dentro do peito e ainda não acabou.

Fui fiel a ele até o fim. Aqui quando casamos, 12/04/1970, na igreja de Araguatins Tocantins, a nossa vida foi muito difícil, cheia de conflitos com ele, porque ele era muito bravo. 47 anos de convivência ao lado dele. Ele morreu no dia 15 de setembro de dois mil e 2016, de infarto.

A nossa velhice foi o tempo que paramos de conflito. Quando ele estava para morrer ficou muito diferente, ficou dócil, cuidadoso comigo, não queria que ninguém me ofendesse e me pediu que não deixasse os outros me humilhar. Ele falou que só queria o melhor para mim, disse também que me amava muito e nunca teve a condição de me dar a vida que eu merecia, porque encontrou uma esposa que tanto esperava. Eu sempre estava ao seu dispor, não com medo dele, mas para conhecer os meus deveres de esposa e manter a

minha família junta, e deixar para o mundo um caráter de uma mulher verdadeira e pura.

Está é a minha família, sou mãe de 4 filhos, são eles Antônia Gorete Lima de Almeida, nasceu 28/03 de 73 e morreu em julho de 1974, na cidade de Arame, município de Grajaú. A outra filha Joana Lima de Almeida, uma boa filha, o outro Edcarlos Lima de Almeida, funcionário público do meio ambiente, só tenho ele de filho homem, é um bom filho, um bom pai, um bom esposo, um bom amigo. Sou feliz com eles. A outra é Edileia Lima de Almeida, está na adolescência dela foi muito difícil, me fez sofrer muito, não quis estudar, caiu na prostituição. Em alguns tempos se consertou e casou e teve 4 filhos. A Joana casou, separou, teve um caso com um rapaz e ficou grávida de 2 meses. Ele foi embora e deixou ela com a criança, nós criamos com amor e carinho, hoje ela tem 17 anos dentro do meu lar, é uma querida para todos da família, ela Daniela Almeida Peris.

O Edcarlos tem 2 filhos. Eu espero que Deus proteja os meus filhos, os meus netos também, nenhum deles nunca deu um trabalho para nós, são eles Daniel e Isabel. A mãe Cleildi Barbosa Santos Almeida, ela vinha para estudar em Palmas, ela é filha de uma prima minha, ela trabalhava um meio dia outro meio dia estudava. Ela sendo minha sobrinha começaram a namorar as escondidas, tempos depois ela foi embora, ele ficou triste, eu perguntei a ele o que havia, mas ele não falou nada. Mandeí a minha filha conversar com ele. Ah, meu amigo, aí eu descobri a tristeza do rapaz.

Em 1991 cheguei em Palmas, lutei pelo meu filho como uma leoa na poeira de Palmas. Lutei até conseguir um emprego para mim e pra ele. Sou feliz aqui em Palmas apesar que as outras duas filhas não tem emprego. Sou feliz, me sinto no meio da minha família.

Eu agora vou te contar como cheguei aqui em Palmas. Eu estando morando em João Lisboa, Maranhão, eu ouvi falar em uma cidade que estava em construção, eu vi um carro pegando alguns homens para trabalharem em Palmas, eu falei para o meu esposo “vá também”, ele disse “não vou”. Na época nós não tinha nada, ele não queria deixar eu trabalhar como doméstica por causa do ciúme sem razão, eu não dava motivo e não dou motivo para ninguém.

Começamos nossas brigas, nossa vida já era muita difícil, eu estava adoentada em fase de menopausa que começou muito cedo na minha vida, por causa das nossas brigas. Toda vez que nós brigávamos ele me mandava embora de casa, mas eu falava “eu não vou”, até que nós tivemos uma briga feia. Eu pedi dinheiro a ele e ele arranhou, me deu e falei a ele “eu não vou te largar, só vou me tratar na casa dos meus pais”. Ele logo começou a espalhar que eu tinha ido embora. Quando ele se viu sozinho na casa, não sei o que deu nele que ele poucos dias pegou uma bicicleta velha que tinha, vendeu e veio para Palmas trabalhar.

E agora vamos deixar ele e falar de mim. Olha, quando eu cheguei em Araguatins, eu já tinha um conhecimento com José Guilherme que estava se candidatando na política. Eu, claro, aproveitei, me infiltrei na casa dele porque era a autoridade mais próxima de quem podia me ajudar, comecei a pedir um emprego a sua esposa, ela falou “eu já tenho empregada”. Eu fiquei triste, mas não desisti dos meus pensamentos que era procurar o meu esposo.

Onde pensei “o que eu devo fazer?”. A Dora viu que eu estava precisando, ela me falou o que você sabe fazer? Eu falei: eu sei costurar algumas peças”. Comecei a trabalhar, meu primeiro patrão foi Zé Guilherme e Dora, eles foram me conhecendo, eu conhecendo eles. Eu vi que estavam certo os meus pensamentos, continuei e pensei “eu vou logo buscar os meus pertences na cidade de João Lisboa, Maranhão”. Voltei, vendi a casa para pagar o carro de mudança para Palmas, com o dinheiro comprei uma beretta e com a outra parte paguei o carro do Goiano. Fizemos uma boa viagem. Quando chegamos fiquei detrás de um pé de folha larga, a casa número 7 em frente à casa do Zé Guilherme na casa que ele estava, perto da casa do Raul Filho.

Na época eu tive tanto apoio, é como se eu não tivesse medo de perigo. Comecei a procurar como deveria uma casinha ganhar, peguei a minha bolsa, coloquei de lado, caminhei para o Palacinho. Aqui vai começar a história do soldadinho “olá, soldadinho, você sabe aonde é a sala da secretária da primeira dama”, ele me falou “não sei”. Era só para mim não entrar para não incomodar, mas eu era quem estava incomodada debaixo de um pé de folha pegando sol e chuva cobertos de plástico preto sem ter um agasalho para mim e minha família, eu sem saber ler nem escrever, eu só tinha a língua pra falar o que queria.

Foi daí que resolvi enfrentar o soldadinho e falar o que queria para mim. Eu pedi a ele que ele deixasse eu subir na escada de madeira e ver se podia ganhar uma casinha para mim morar com a minha família. Começamos a discutir, foi daí passando alguém, olhou que eu discutia com o soldadinho, olhou pra mim, piscou. Eu entendi, fiquei ali, o homem chamou o soldadinho e ele foi, eu claro que já tinha entendido. Eu corri e subi a escada, o soldadinho veio e me alcançou no meio da escada e me falou “você aqui não vai subir”, mas eu não me intimidei, voltei ao pé da escada, ali fiquei ao lado do fiel soldadinho. Ele olhava para mim, eu olhava pra ele e passando político toda hora para a reunião deles, até que uma hora passou alguém que percebeu que eu não tinha saído do lado do soldadinho, ele perguntou por alguém que eu não sei o nome.

Quando a última pessoa passou eu vi a secretária se levantar da cadeira. Fiquei com muito medo e vi que o porteiro mudou a vista. Eu aproveitei e entrei entre o braço e a perna do porteiro. Eu falei “secretária me ajude”, ela falou “já encerrou, não dá mais”. Eu

tornei a falar com ela “eu estou debaixo de um pé de folha larga detrás da drogaria Palmas”, era a primeira farmácia de Palmas na época. Ela falou para mim “eu tenho ouvido muita história”, então eu falei “venha ver aqui da janela”. Ela levantou, olhou, viu e disse “venha que vou lhe dar a sua moradia. Amanhã venha pegar a ordem de ocupação”.

Para alegrar seu coração, no outro dia voltei. Ah, meu amigo, tive um susto quando eu cheguei no primeiro portão. Vi chegar o Luiz Tolentino que ia para o café da manhã na casa do Siqueira Campos. Eu pedi que ele me ajudasse na minha casa, ele pegou a identidade e levou para lá, para eu ganhar a minha casa.

Depois contarei mais histórias. Estou lembrando mais a infantil, espere eu te contarei todas depois.

FILHA DE FORDLÂNDIA

Maria das Graças R. dos Santos



“Nasci numa cidade chamada Fordlândia(...). O empreendedor Henry Ford ganhou a concessão de terras no Brasil, no tempo da borracha. Eles construíram a cidade toda, por sinal muito bonita.”

23 DE SETEMBRO DE 1949

Eu nasci no dia 23/09/1949. O nome de meus pais (já falecidos): Raimunda Rodrigues dos Santos, João Rodrigues dos Santos.

Meus irmãos, éramos 11, porém alguns já faleceram: Maria, Manoel, Carmem, Miracy, Conseqião, Mário, Frei Bonifácio, João, Pedro, Graça e Terezinha. Vivos nós somos: 06.

Eu nasci numa cidade chamada Fordlândia, município de Aveiro. O empreendedor Henry Ford ganhou a concessão de terras no Brasil, no tempo da borracha.

A companhia Ford fez sede em Belém-PA. Sociedade Anônima, Companhia Ford Industrial do Brasil, a 10 de outubro de 1927.

O contrato entre o Estado do Pará e a Companhia Ford Industrial do Brasil. A lei nº 2592 de 3 de outubro de 1927 - Decreto nº 4374 de 07/12/1927. Implantação do Projeto Fordlândia... de Boa Vista a Vila de Fordlândia.

A minha cidade foi construída por este americano e amigos, foram eles que este nome: “Fordlândia”, no mapa encontra-se o nome Boa Vista. Eles construíram a cidade toda, por sinal muito bonita.

A intenção era o plantio da borracha, no início correu tudo bem, depois outros países começaram a fazer projetos semelhantes ao dele, ele e sua indústria tiveram um grande prejuízo, no plantio de seringa deu uma praga de lagarta. Não havia remédio que eliminasse esses insetos, ele perdeu um hectare muito grande de seu seringal.

E ele teve que abandonar o local. Mas antes de tudo isso eles tiveram muito lucro com a borracha, eles trabalharam em Fordlândia, mas a borracha era vendida no exterior.

Os serviços importantes eram feitos pelos americanos, os serviços de menos responsabilidade eram feitos pelos brasileiros.

O Ford foi obrigado a devolver tudo para o governo brasileiro por causa da falência. Hoje quem toma conta é a União e o município. Mas até hoje a cidade ainda tem pés de

seringa e dando leite, só que não é mais cultivado.

Agora o povo vive de lavoura, pescaria, temos também funcionários públicos como: professores. Uma prefeitura que é localizada na cidade de Aveiro-PA.

A minha infância e dos meus irmãos nós fomos muito felizes, nossos brinquedos eram: boneca de pano, boneca de sabugo de milho, os meninos era: carro de lata puxado por um fio, eles faziam curral e os bois era manguinhas verdes, jogávamos peteca, futebol, meninas contra meninos, jogávamos queimada, empinávamos papagaio, subíamos nas árvores para pegar a fruta mais alta.

Foi o tempo mais feliz da nossa vida. Nós estudamos em colégio público, seu nome era “Grupo Escolar de Fordlândia”.

A nossa mãe morreu em: 30/04/1958 às 13:00 hs na nossa casa, nós vimos tudo, eu tinha 8 anos de idade. Quem nos criou foi os nossos irmãos: Manoel e Carmem. O Manoel começou a trabalhar com 16 anos, a Carmem com 17 anos.

Na minha adolescência eu não sabia de nada como, por exemplo, namoro, eu levava tudo na brincadeira, a adolescência foi boa por causa das brincadeiras.

Os nossos irmãos mais velhos não falavam de namoro para nós, nós éramos inocentes em tudo. E a cidade era pequena, era uma vila.

Quanto a juventude foi mais diferente, eu estudava em colégio de freiras, as minhas colegas falavam de namoro perto de mim, eu não fui namorada, o meu irmão não deixava eu sair de casa, eu só ia a aula e para a missa dia de domingo com nove sobrinhos que eu ajudava a criar.

O meu divertimento era brincar com os meus sobrinhos, como eu gostaria de ter tido liberdade nesta época, mas tudo bem, tudo passou normal.

Quando eu completei 12 anos, eu saí de Fordlândia e fui morar em Belém com a minha irmã Conceição, ela é bem liberal, levava-me em cinema, bailes, clubes e foi me apresentando para os seus colegas e ensinando como viver na cidade grande, a cidade era Belém- PA.

Eu estudava em colégio particular, duas vezes por semana eu estudava datilografia em um colégio de freiras.

A minha adolescência não foi boa, porque eu perdi o meu pai muito cedo, eu tinha apenas três anos de idade, não o conheci, ele tinha 50 anos quando faleceu, ele deixou uma casa, um sítio montado com tudo para todos nós.

No tempo que ele faleceu não tinha caixa econômica, mas todo mês quando ele recebia o seu salário ele ia na casa dos padres e falava com o Dom Tiago para depositar uma certa quantia para cada filho, o Dom Tiago fez um livro e todo mês ele lançava a quantia que o papai confiava a ele, o meu pai era vaqueiro, neste tempo a empresa chamava-se

ERTE, era do governo federal, depois passou para o Ministério da Agricultura, Governo Federal.

O meu pai faleceu no próprio trabalho, o boi que ele cuidava o matou. Nós não recebemos nada. Dom Tiago foi levar o dinheiro para a minha mãe, contou que o papai fez em vida para nos ajudar no caso de sua falta.

A mãe não aceitou o dinheiro, porque este dinheiro custou a vida dele, o Dom Tiago foi em Santarém-PA e depositou o dinheiro em juízo.

Quando nós atingimos a maior idade, o dinheiro tinha perdido o valor. A cada mudança no dinheiro ele ia perdendo valor. A mãe passou a trabalhar com juta e Malva.

Nós a ajudávamos a cuidar do sítio para sobreviver, tínhamos: cabritos, carneiros, muitas aves, fruteiras, o governo nos deu uma casa, tínhamos os direitos a leite de gado, carne, verduras, frutas etc.... tudo grátis.

Na fase adulta já em Belém, eu gostei de um rapaz, só que não deu certo porque ele era muito ciumento.

Depois deste conheci o homem da minha vida, na época nós tínhamos 30 anos. Ele é engenheiro florestal, nos casamos no civil, no início foi formidável, eu trabalhava na empresa de seguros chamada “Capemi”, fica em Belém onde eu morava, trabalhei 10 anos nesta empresa.

Ele morava em Cristalândia – TO, depois do nosso casamento eu tive que pedir demissão para acompanhá-lo, casamos com 31 anos de idade, com 32 eu tive o meu filho Tiago dos Santos Sardinha, eu tive só um filho.

O nome do seu pai é: Nilo Sardinha Filho. Tenho um neto, ele chama-se: Iago Sardinha, ele já está com onze anos de idade. Eu amo o meu neto de paixão, o meu filho é a razão do meu viver, nós somos muito felizes, graças a Deus. A minha nora chama-se: Alessandra. Eu sou muito feliz.

O meu casamento durou apenas quatro anos, ele arrumou outra e teve uma doença venérea chamada: Herpes genital adquirida sexualmente.

Eu não sabia, o médico da farmácia que nós comprávamos remédio que me explicou que ele estava doente e eu não tivesse contato com o mesmo, isto foi bom para mim porque eu não sabia de nada.

Nesta época nós morávamos em Porto Velho, enquanto ele não tinha colegas era bom, depois tudo foi surpresa.

Ele me deu somente uma passagem para voltar para Belém com o meu filho, ele me disse que estava doente e precisava se tratar. Eu saí do local sem olhar para trás.

Cheguei em Belém e fui cuidar do meu filho, ele estava emocionalmente abalado. Ele precisou de psicólogo, Deus cuidava de mim.

Mesmo assim eu ajudava a família dele, todo ano eu tinha que mandar uma procuração para ele apresentar no Banco do Brasil para fazer financiamento da lavoura deles, nunca recebi nada em troca, graças a Deus. Cuidei do pai dele até a sua morte. Eles moram em Cristalândia –TO.

Eu sempre fui trabalhadora, logo que eu comecei a trabalhar eu comprei a minha casa e isto foi bom para mim e meu filho, depois do meu casamento eu fui morar em Cristalândia e deixei a minha casa alugada em Belém, agora eu vendi está casa e comprei uma aqui em Palmas.

Quando eles veem a Palmas eles ficam pra minha casa e eu os recebo muito bem. A minha ex-sogra fica aqui comigo muito tempo, não colaboram comigo em nada, eu faço tudo de boa vontade.

Em 1998 eu fiz o meu divórcio numa empresa da OAB, está dava assistência para pessoas carentes, assim como eu: ele não quis assinar, o advogado disse que não tinha problema, ai ele se arrependeu e pediu que eu o ajudasse, pediu que o meu advogado ajudasse ele também, eu pedi e o advogado aceitou. A partir daí eu nunca mais casei e nem tenho vontade.

Hoje eu sou uma pessoa muito feliz.Sou realizada plenamente. O meu plano é viajar e conhecer o meu país e muitas pessoas e continuar na Faculdade da Maturidade: UMA que eu amo de paixão. Obrigada a Deus e a vocês da UMA que me acolheram com tanto carinho. Hoje eu sou feliz e segura daquilo que quero, certo? Obrigada a todos vocês da UMA Ipê Amarelo.



Maria de Jesus Pinheiro Brito

“Casei-me como manda a lei e fiquei viúva aos 45 anos, e não me casei mais, porque eu pedi a Deus que só me desse um marido com as qualidades superiores as do meu.”

28 DE JUNHO DE 1937

Meu nome é Maria de Jesus Pinheiro Brito. De acordo com os meus documentos eu nasci em 1937, porque meu pai mudou, eu sou mesmo é de 1938. O nome do meu pai é Joaquim Manoel Pinheiro e da minha mãe é Maria Araújo Pinheiro. Nós éramos 14 irmãos, morreram 7, hoje somos 7 vivos. São eles: Perpetua, João, Lélia, Maria de Jesus, Noemi José e Rosemeiry.

Durante a minha infância um bom tempo morei em Tocantínia. Depois com minha irmã fui viajando para muitos lugares no estado de Goiás. Uma boa parte da minha juventude eu brincava com bonecas, e até os meus 17 anos não me envolvia com namoros, eu estudei muito pouco.

Casei-me com 20 anos, tive 9 filhos e uma tubária. Os nomes: Wilson-Ney, Márcia, Jairo falecido, Ivon-Sunhier, Wilson, também, três falecidos, Heloisa Leonise Sara, Marta e Renato. Casei-me como manda a lei e fiquei viúva aos 45 anos, e não me casei mais, porque eu pedi a Deus que só me desse um marido com as qualidades superiores às do meu.

Como dessa época para cá, de 82 não existe homem como ele, em certo sentido, e Deus ouviu a minha oração, e também eu falei para Deus que só me casaria com um homem que fosse realmente crente em Jesus Cristo e também minhas filhas mulheres muito bonitas, eu tinha medo de não haver respeito com elas e comigo, então hoje eu sou feliz porque o Deus que eu sirvo ele é fiel. Agora, quanto aos meus netos, eu tenho 20 netos, e 15 bisnetos, todos são meus tesouros que Deus me deu, e se for da vontade de Deus vai chegar mais uma bisneta. Estamos ansiosos para vermos a nossa Marihá.

Hoje eu sou muito feliz, sou realizada porque meus filhos são casados. Mesmo sendo viúva sou muito satisfeita com a minha vida, porque tenho o meu Deus! Ele sempre me ouve! Ele está me dando 80 anos de vida com muitas bênçãos. Isso não é felicidade?! Vou festejar no dia 08 de julho, porque é mês de férias e minha família vêm pra glorificarmos

o nome de nosso Deus, e planejo viajar se assim for da vontade de Deus. Vou com a turma da UMA para Florianópolis.

TARDES DE DOMINGO NUM VESPERAL

Izabel Alves Pereira



“Tenho 05 filhos maravilhosos, todos estudaram e concluíram o nível superior. (...) O que planejo agora é a minha formatura em “Educatória Política Social da Maturidade”

15 DE MAIO DE 1951

Eu nasci em 1951. Meu pai de nome Manoel José Pereira, e minha mãe Josefa Alves dos Santos. Meus irmãos: João Pereira Sobrinho, Lidugério Pereira Neto, Francisca Pereira Neta, Benedita Pereira Sobrinho e Luiza Alves Pereira.

Minha infância até os meus 18 anos eu morava em Itaporã-GO, que hoje é Itaporã do Tocantins. Brinquei muito de boneca e de piquenique no quintal da minha casa que tinha árvores grandes e sombras, junto com várias coleguinhas.

Minha primeira escola era com professora particular, na época eu tinha entre 6 a 7 anos, depois fui para escola pública, uma escola por nome Oquerlinda Torres, em uma sala que tinha alunos da 1º a 4ªséria, mesmo eu na 2ª série fechava a roda dando bolo de palmatória na tabuada, e se batesse devagar mandava repetir.

O começo da minha juventude foi maravilhoso, meu pai nos levava para os bailes. Mais tarde passei a me divertir com vesperal, como chamávamos as nossas festinhas nos domingos à tarde, ai apareceram os namorados, que até então era só dançar e se ver, assim mesmo quando eu via meu namorado de longe as minhas pernas tremiam e as mãos ficavam frias.

O meu primeiro namorado de verdade, quando meu pai descobriu ficou muito bravo, em 1968 ficamos noivos e nos casamos em 1969, foi quando nos mudamos de Itaporã para Conceição do Araguaia no estado do Para. Em 1994 nos separamos, fiquei com todos os meus filhos que iam começar a fazer o nível superior e graças a Deus tive força e perseverança para vencer todas as dificuldades, não quis mais casar. Tenho 05 filhos maravilhosos, todos estudaram e concluíram o nível superior. São eles: Gilvanio Alves Pereira, 47 anos- professor de Educação Física no IFTO (Mestre); Gilvaney Alves Pereira, 45 anos - Ortopedista e Traumatologista; Gildecley Alves Pereira, 43 anos- Analista de Sistema Programador; Carmem Cleia Alves Pereira, 41 anos- Educação Física (Empresária); Gilciane Alves Pereira, 40 anos - professora de Educação Física. Tenho 08

netos. Camila, Giovana e Caleb, estes moram em Taubaté - São Paulo. Tifani, Tabata e Tainá, moram aqui em Palmas, sendo que a Tifane faz medicina em Porto Nacional; Luiz Otávio mora em Conceição do Araguaia; Luna, mora em Tucumã no Pará. Meus filhos, meus netos e netas são a razão da minha alegria. Sou muito feliz, tenho Deus e uma família maravilhosa, faço o que gosto: aula de dança, musculação, viajo muito a passeios, faço parte da minha paróquia, são muitos os motivos que me fazem muito feliz! A UMA é uma!

O que planejo agora é a minha formatura em “Educadora Política Social da Maturidade. Eu me amo!!!

DO JUDÔ AO MINICRAFT

Clene da Silva Pereira



“E essa é uma geração muito evoluída, estamos na era da tecnologia, as crianças passam pela infância muito rápido, eu atualmente estou aprendendo a jogar minecraft (...). Hoje me sinto feliz, sim! Do jeito que sou e como estou. Tenho uma história de vida como uma caixinha cheia de boas lembranças e várias experiências bem vividas que me deram bons motivos para agradecer à Deus por ter me permitido passar por todos eles.

19 DE JULHO DE 1956

Tudo iniciou-se no dia dezanove de Julho de mil novecentos e cinquenta e seis, às dezessete horas e trinta minutos, na casa da minha avó materna Maria Amélia Carneiro dos Santos. Sou a segunda filha de José Maria da Silva (pai) e de Maria de Lourdes Rodrigues da Silva (mãe). Minha irmã mais velha é a Climendes, meu irmão Clemilson e a caçula se chama Adriana Maria. O que me lembro da minha infância é que dos seis ou sete anos vivíamos no bairro Parangabaçu, na cidade de Fortaleza no Estado do Ceará, morávamos na rua Machado de Assis, número quinhentos e cinquenta e sete.

Nessa época as nossas brincadeiras eram as bonecas, fazer piquenique com as bonecas e as colegas da rua, amarelinha ou macaca, salvar a bandeira, andar de bicicleta, jogar palitos, jogar baralho, montar quebra-cabeças entre outras.

Fui alfabetizada aos sete anos na escolinha do bairro que se chamava educandário São Domingos Sávio, ela professora Aríula. Da segunda a quinta série do primário, estudei na escola Nossa Senhora do perpétuo Socorro. Do Primeiro ano básico até o segundo ano do segundo grau, estudei no Colégio Estadual Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, o terceiro ano foi concluído no Colégio Justiniano de Serpa. Na minha adolescência e juventude, tenho lembranças de momentos muito difíceis, mudamos de bairro, fomos morar no bairro Carlito Pamplona, na casa do meu avô materno Francisco Rodrigues de Freitas, que era viúvo e estava muito doente, minha mãe era filha única e ele não podia mais ficar sozinho aos sessenta e oito anos de idade. Infelizmente ele não resistiu aos problemas causados pela cirrose hepática e faleceu aos sessenta e nove anos de idade.

Foi muito difícil para todos nós, e em especial para mim, pois meu avô foi a melhor parte da minha infância e adolescência, meus primeiros brinquedos foram feitos por ele com caixas de fósforos, ele fazia toda mobília de uma casa: mesa, cadeiras, fogão e etc. Ele sempre foi muito atencioso sua casa era sempre bem arrumada e sua cozinha tinha

sempre cheiro de banana prata bem madurinha. Nós íamos à sua casa de quinze em quinze dias, ficávamos ansiosos para chegar o domingo na casa dele, são lembranças que vale guardar para sempre no meu coração, do meu avô Rodrigues.

Na minha juventude já aos dezoito anos, nos mudamos mais uma vez, fomos morar no bairro Demócrito Rocha, na rua Ceará, número novecentos e noventa e um. Até então ainda não tinha de fato namorado com ninguém, só alguns flertes. Quando em uma tarde eu estava debruçada na janela e de repente vai passando na minha rua, na minha frente um belo rapaz: moreno, estatura média, forte e carregava uma prancheta de baixo do braço e no ombro uma sacola feita com seu quimono. Eu o olhei e fiquei seguindo-o com o olhar, no momento pensei que moreno lindo, será que estou olhando para o meu futuro marido?

Ele não me viu, nem olhou para os lados, seguiu em frente e subiu no ônibus, minha casa era bem próxima ao ponto de ônibus. A partir desse dia eu ficava toda tarde na janela nesse mesmo horário às quatorze horas, esperando ele passar novamente. Um belo dia eu pequei o mesmo ônibus e ele finalmente me olhou, então ficamos flertando durante um bom tempo, até que ele se aproximou e me convidou para irmos ao cinema. E aí descobrimos a paixão, o amor!

Nós nos casamos no dia vinte e três de julho de mil novecentos e setenta e sete, tivemos quatro filhos: Carlos Augusto, Ana Angélica, Carlos Alberto Filho e Ana Carolina. Nossa união durou trinta e dois anos de casados, fomos muito felizes, vencemos muitas dificuldades juntos, sempre com muita fé em Deus e com muita esperança em dias melhores. Infelizmente ele veio a falecer em vinte de janeiro de dois mil e dez, por consequências de complicações do diabetes. Fez uma cirurgia no coração, teve complicações e só resistiu por onze dias. Sou viúva há sete anos e não pretendo me casar novamente. E quanto a sua curiosidade, você tem razão! Você é muito curiosa, mas é graças a sua curiosidade que estou agra me relembro de bons momentos que fizeram arte da minha vida, como diz o ditado “ a curiosidade é a mãe da Ciência”.

Atualmente moro sozinha, meus filhos três são casados e a caçula vai se casar no dia dezesseis de junho desse ano em Fortaleza-CE. Tenho três netos: João Pedro que tem oito anos é filho do meu filho mais velho. O Emanuel e o Igor, um com sete anos e o outro com seis anos, ambos filhos do Carlos Alberto Filho. As meninas ainda não tiveram filhos, ser Avó é a melhor fase da minha vida, sendo avó eu vejo a minha maternidade ser renovada é a oportunidade que Deus nos dar de brincarmos com os filhos dos nossos filhos, e tudo que o não teve tem de viver com seu próprio filho você transfere para seus netos.

E essa é uma geração muito evoluída, estamos na era da tecnologia, as crianças passam pela infância muito rápido, eu atualmente estou aprendendo a jogar minecraft, escrevi a pronúncia. Hoje me sinto feliz, sim! Do jeito que sou e como estou. Tenho uma

história de vida como uma caixinha cheia de boas lembranças e várias experiências bem vividas que me deram bons motivos para agradecer à Deus por ter me permitido passar por todos eles. As vezes fazemos planos para nossa vida e nos esquecemos de priorizar a vontade de Deus, pois nem sempre o que desejamos para nós vai realmente nos trazer felicidade, por isso as circunstâncias da vida nos apresentam outras situações e nos mostra que não vivemos de tudo que sonhamos, e por isso Deus nos fortalece para sobrevivermos o dia-a-dia, sem murmuração e tendo bom humor para superarmos as dificuldades com discernimento e coerência. O que me faz feliz hoje é ver s meus filhos e netos, noras e genros convivendo em harmonia e respeitando uns aos outros.

Está nos meus planos assistir um show do Rei Roberto Carlos, gostaria também de assistir ao Show de Demis Russos, mas parece que ele já faleceu, não tenho certeza. Continuar frequentado a Universidade da Maturidade e fazer minhas atividades físicas, sei não vai dar para jogar vôlei, fazer o quê?! Ajudar meus irmãos e continuar servindo a Deus, no que for possível, procurar fazer a vontade de Deus, não a minha. Amém!

COPACABANA PRINCESINHA DO MAR

Célia Maria dos Reis Silva



“A minha juventude foi um tanto quanto turbulenta, aos quatorze anos fui morar em uma cidade próxima para estudar, morar em casas alheias começando então a perder meus privilégios que eu tinha convivendo no seio familiar.”

10 DE OUTUBRO DE 1956

Eu, Célia Maria dos Reis Silva, nasci em outubro de 1956, sou filha de Guiomar Vieira da Silva e Maria Hilda dos Reis Silva, irmã tive apenas uma e adotiva, por nome Cíntia Maria. Passei a minha infância toda no interior junto com meus familiares, ali nós crianças brincávamos de bonecas, pega-pega, bom-barquinho, ciranda. Tomávamos banho no rio nus como viemos ao mundo e ninguém lançava olhares maldosos uns para os outros, havia uma inocência que atualmente não se sabe o que é isso. Comecei a estudar ali mesmo, em um grupo escolar que funcionava naquela região, foi então que aprendi a ler e a escrever, utilizando a carta do A B C e a tabuada isso aos sete anos de idade. Tive uma infância feliz regrada de simplicidade, paz interior, respeito e fraternidade.

A minha juventude foi um tanto quanto turbulenta, aos quatorze anos fui morar em uma cidade próxima para estudar, morar em casas alheias começando então a perder meus privilégios que eu tinha convivendo no seio familiar. Tive que enfrentar a partir daí a vida como ele se apresenta para cada um de nós, quando saímos da casa dos nossos pais, com o passar do tempo aos dezoito anos de idade fui morar no Rio de Janeiro na casa de um casal que pediram a minha mãe para que eu fosse morar com eles. Depois de viver um tempo com eles, com um pouco de maturidade adquirida, percebi que não era aquilo que queria e fui morar por conta própria. Trabalhei em cozinhas, porém ainda não era o que eu queria, consegui trabalhar nas lojas americanas de lá sai para trabalhar de demonstradora de ligerie pela empresa Dulorem, esse foi um período de tranquilidade para mim e aos domingos eu sempre estava na praia, era meu divertimento favorito está em Copacabana rodeada por turistas de todos os lugares desse nosso planeta.

Namorar? Namorei pouco, casei aos vinte e quatro anos com um namorado da infância, tivemos um casal de filhos: Ciléia e Áquila, os dois já são casados, a Ciléia tem um casal de filhos, o Breno e a Beatriz, amo-os de paixão, mas moram em Sertãozinho- SP. O Áquila tem uma filha fora do casamento que não mora com ele, e sim com a mãe, o nome

dela é Sofia. Enfim sou apaixonada por eles, mas não convivemos juntos, pois cada um de nós vive em uma realidade diferente, a vida é assim.

Refletindo o último tópico, posso afirmar que sou feliz sim. Cheguei aos sessenta anos com saúde física e mental perfeita, sinto-me realizada com os filhos que Deus confiou a mim para que eu cuidasse deles e sei que eles cuidaram de mim em dias vindouros dentro das necessidades. Sou satisfeita com a vida que tenho, pois tenho saúde, casa para morar e na minha casa tenho os suprimentos que preciso para levar uma vida digna e satisfatória de quem não almeja bens materiais. Não planejo nada, porque o futuro a Deus pertence, vivo um dia de cada vez até que ele (Deus) me recolha.

Celso Borges de Carvalho



“Viemos para Palmas - TO enfrentamos lama, poeira e mosquito tudo isso por uma estabilidade financeira, meus filhos cresceram estudaram e alguns até se formaram outros continuam nas suas cidades esperando o tempo certo”

1 DE AGOSTO DE 1949

Eu Celso Borges de Carvalho, nasci em 1º de agosto de 1949, na fazenda Mato Verde município de Lizarda-TO, filho legítimo Adílio Carvalho da Cunha e Ieda Borges de Carvalho tendo 9 irmãos: Carolina de Carvalho, Ediva, Edilau, Manoel Messias, e Maria Perpetuo Socorro, Maria Madalena, Osvaldo e Sônia Maria.

Vindo ainda pequeno para a Fazenda Mato Escuro, município do Rio Sono-TO, aonde passei toda a minha infância trabalhando na agricultura e nos finais de semana fazendo brincadeiras de criança como: gangorra de cavalo de pau, ciranda, peteca, bola de gude e outras e já muito cedo dançando e bebendo bebidas alcoólicas, fumando e namorando com garotas.

Já em 1947 vim para a cidade de Pedro Afonso- TO, continuar os estudos e servir minha pátria incluindo me no exército brasileiro em 1972 trabalhando nas casas para ganhar meu sustento de vida, a vida sofrida continua, minha infância tinha ficado para trás e todo o sofrimento me acompanhava, em 1973 tive a honra e felicidade de me incluir na polícia militar de Goiás na cidade de Araguaína, em 1974 fui compor a cidade de Colinas-TO como soldado PM ainda solteiro e morando com minha irmã Maria Madalena, já casada. Em 25/07/1974 realizei um matrimônio com uma jovem Clarice Barbosa Ferreira tivemos naquela cidade 2 filhos: Clear Simone e Clean e fui para a capital de Goiás em 77 realizar um curso de cabo na PM terminei no final do mesmo ano e transferido para a cidade de Gurupi, ficando lá até o ano de 1990, trabalhando em várias cidades da região e tendo dois filhos lá que são: Gleison e Celso Filho, com a mesma esposa, nesse intervalo deixei a bebida alcoólica e de fumar também deixei em 1985 mais um filho na cidade de Rosalândia, Gleily que ficou sendo o caçula.

Em 1990 viemos para Palmas-TO enfrentamos lama, poeira e mosquito tudo isso por uma estabilidade financeira, meus filhos cresceram estudaram e alguns até se formaram outros continuam nas suas cidades esperando o tempo certo em 2011 tive uma

sorte precária fiz uma separação com a senhora Clarice Barbosa Ferreira com quem fui casado 36 anos, “a vida continua”.

Fiquei solteiro por 2 anos arrumei uma companheira pelo nome de Eliane Pereira dos Santos vivemos juntos por 23 anos e no dia 15/05/2014, ela sofreu uma arritmia e veio a óbito fiquei solteiro de novo, hoje tenho uma companheira que se chama Taís.

Volto um pouco no tempo em 1990, fui para a reserva remunerada da Polícia do Estado do Tocantins como subtenente da PM permanecendo separado dela por 30 anos, parei de estudar, meus filhos casaram e hoje tenho 8 netos que para mim são muito gratificantes que são eles: Ana Clara, Catharina, Ana Beatriz, Letícia, Heitor, Alice, Arthur, e Hagtha.

Na minha infância aprendi muitas coisas como pedreiro, servente, alfaiate, vaqueiro e agricultor, já adulto motorista, fotógrafo e outras coisas. (falando de mim mesmo).

Hoje como sempre levo uma vida normal, tenho muita saúde, disposição e coragem vivo uma vida normal tenho uma companheira que apesar de ter somente 23 anos somos muito felizes um para o outro, vivo com o salário do estado desde 1973. “Voltando um pouco ao tempo”.

Sou temente a Deus, por isso tive pais honestos e uma família de fazer inveja para muitas pessoas e a felicidade continua.

Essa é um pouquinho da minha história de vida, sou grato a Deus por tudo que sou e o que eu tenho.

ESTÁCIOS QUE VIRARAM ESTAÇÕES DE MINHA VIDA

Zenith Jusselino Tavares



“Me apaixonei por Estácio com quem me casei. Vivemos bons anos juntos, comemoramos 50 anos de casados no dia 24 de dezembro de 2016, “Bodas de Ouro”. Não sabia que nossa separação estava perto, no dia 21 de março de 2017 ele partiu para a eternidade”

03 DE ABRIL DE 1933

Meu nome é Zenith Jusselino Tavares, nasci na cidade de São João do Feixe na Paraíba no dia 03 de abril de 1933.

Meus pais são: Pedro Jusselino de Aquino e Estelita Cipriani de Aquino somos 12 irmãos: Eu (Zenith), Zuleide, Zevenir, Maria do Socorro, Benedito, Maria da Salete, Maria Neumam, Zélia Maria de Fátima e Pedro, sendo 2 adotivos: Célia Rejane, Roberto Carlos.

Meu pai era funcionário dos Correios e telégrafos, tive uma vida tranquila, fiz o primário na cidade que nasci, o ginásio em Cajazeiras no Colégio Nossa Senhora de Lourdes das irmãs Dorotéias interno, o científico fiz em João Pessoa no Liceo Paraibano.

Meu pai foi transferido para a capital, onde eu e meus irmãos estudamos e nos formamos, eu me formei em odontologia, exerci minha profissão com muito amor.

Minha adolescência foi normal, cheia de sonhos, fiz muitos passeios, ia ao cinema assustador, praia, namorei pouco, me apaixonei por Estácio com quem me casei. Vivemos bons anos juntos, comemoramos 50 anos de casados no dia 24 de dezembro de 2016, “Bodas de Ouro”. Não sabia que nossa separação estava perto, no dia 21 de março de 2017 ele partiu para a eternidade, teve um infarto fulminante, na cidade de Colinas do Tocantins.

Da minha união com Estácio tivemos 3 filhos, 2 homens e 1 mulher. Estácio Filho, Marcos Augusto e Chiara Stella. Adotamos Eduardo José ficamos no total com 4 filhos, este tornou se nosso segundo filho.

Todos se formaram sendo 3 enfermeiros e um em administração, todos trabalham aqui em Tocantins, motivo pelo o qual, estou aqui.

Sou avó de de 16 netos: Estácio Neto, Natália, Kinberly Estácio Neto Segundo, Zenith Maria Estácio Neto Quinto, Estácio Ângelo, Educardo José Júnior, Maia Eduarda, Victo, Luíz Eduardo, Carlos Eduardo, Thiago Augusto, Gabriel, Pedro Augusto, Gabryella

e Fábio Filho.

Amo meus netos, o primeiro neto Estácio é odontólogo, seguiu minha profissão e está exercendo e em outubro ele vai casar-se em João Pessoa, pretendo comparecer. Meu segundo neto Thiago Augusto está cursando odontologia. Os outros estão estudando.

Sou feliz porque sou bem acolhida por meus familiares. Pretendo passear, conhecer lugares e fazer amigos, eu vivo na residência da minha filha com meu genro e 2 netos.

Frequento a UMA, onde estou ampliando meus conhecimentos e adquirindo bons colegas.

PRECISAMOS TER “BOA ESPERANÇA”

João Batista dos Reis



17 de janeiro 1974

Eu sou João Batista dos Reis, nascido no ano de 1947 no estado de Minas Gerais no município de Gonçalves do Parnaíba filho de Antônio Gonçalves dos Reis e Maria Selvina de Jesus e fui batizado com o nome de João Batista dos Reis.

Ali fui crescendo e vivendo morando na fazenda pelo nome de Fazenda Boa Esperança, tinha 2 irmãs, uma chamava Selvina Maria dos Reis, já falecida e outra Maria Terezina do Reis. Ali brincávamos muito com amigos e vizinhos. Aos domingos eu me juntava com eles e íamos brincar de: pega-pega, de carrinhos, de bola e outras durante a semana eu ia para a escola também na fazenda mais ou menos uns quatro quilômetros de distância, mas era muito divertido indo na estrada ia brincando com meus colegas, durante o tempo que levaria na estrada até chegar na escola Cassiano de Freitas, o nome da professora era Dona Elvira, muito brava, mas boa para ensinar.

Lá só fiz o primeiro ano, no meio do ano de 1958, meus pais se mudaram para o estado de Goiás e fomos morar em uma fazenda onde não tinha escola, fiquei sem estudar mais de um ano, tinha escola somente na cidade, mas era muito longe. Daí meu pai se mudou para outra fazenda mais próxima da cidade de Córrego do Ouro, que dava para eu ir a cavalo.

Comecei a estudar de novo fiz o primeiro e segundo grau, nos mudamos para outra fazenda pelo nome de Córrego do Lajeado, ficou longe de novo, essa não dava para eu ir nem de cavalo, então parei de estudar outra vez. Só quando eu completei 16 anos, eu me mudei sozinho para uma cidade pelo nome de São Luiz dos Montes Belos.

Foi lá que eu continuei com meus estudos, foi nessa época que comecei a me divertir, entrei no futebol, viajava muito, gostava das festinhas e das brincadeiras de canto. Gostava de festa da cidade, como carnaval, pecuária, festa do milho e outras. Namorei muito trabalhando bastante e estudando.

Foi aí que eu encontrei um serviço na cidade de Córrego do Ouro, não pensei duas vezes, mudei para lá e fui trabalhar em uma beneficiadora de arroz.

Continuei com os estudos, lá fiz a 4 série colegial. Foi no Colégio que eu conheci uma menina pelo nome de Maria de Fátima, e conversando com ela começamos a namorar.

Namoram os um bom tempo e depois de noivamos sete meses e casamos em 15 de julho de 1975. Ai eu parei de estudar e fiquei somente serviço, foi assim que comecei uma família.

Tivemos 3 filhos: Weliton, Wilkis e Welma. Fui comerciante, caminhoneiro, chacareiro e vendia leite, tinha uma granja de frangos e outros.

Ai quando partiu para o estado de Goiás eu mudei para o estado do Tocantins fui morar em Miracema fiquei lá por 4 anos até 1993 e me mudei para Palmas aqui fui tapeceiro e pintor.

Hoje trabalho com aluguel de casas, moro só com a esposa, os filhos casaram e tenho 3 netos, 1 neta e 1 bisneta. Que são Vinicius, Paulo, Pablo e Jéssica e o bisneto Guilherme. Todos moram em Palmas e um dos filhos faleceu o Wilkis.

Moro em Palmas na quadra 305 norte, alameda 15 lote 28 Qi 13. Foi lá que eu conheci a UMA.

Me falaram que lá era um lugar de encontro dos velhos, minha esposa foi lá com minha filha conhecer e gostou e me chamou para que eu fosse com ela, aí eu fui até assistir umas aulas, gostei muito e não do encontro dos velhos, mas das aulas são boas, e estou até hoje e não quero sair mais, lá participo das aulas de informática, aprendo artesanato e vou entrar no teatro e esperando a próxima oportunidade.

Estou muito satisfeito com os 100 anos que vou completar, agora em junho, e que venham mais 100 anos e quero deixar meu abraço a todos os professores da UMA e dos projetos e muito obrigado.

PLANEJO VIAJAR MUITO SE DEUS ME DER MUITA SAÚDE

Almerinda de Oliveira Luz



“Nossas brincadeiras era pique esconde, de cobra cega e outras mais. Não tive muito adolescência, pois na minha juventude, tinha que trabalhar muito nova, com quatorze anos comecei a namorar...”

10 DE MARÇO 1942

Eu nasci em mil novecentos e quarenta e dois, nome dos pais, Sebastião Antônio de Medeiros e Sebastiana Francisca de Oliveira, tinha seis irmãos, restam três, Sebastião, Maria Almerinda, Neuza, José Valmira, até os oito anos passei a minha infância em Penha do norte, depois mudamos para Bubaraque município de Conselheiro, pena que quando eu fui para Escola tinha dez anos, fiz muito mal o segundo ano, o primário eu não lembro, lembro o nome da escola, o nome das professoras, Juditte, Maria Terezinha.

Nossas brincadeiras era pique esconde, de cobra cega e outras mais. Não tive muito adolescência, pois na minha juventude, tinha que trabalhar muito nova, com quatorze anos comecei a namorar, foi com o rapaz que casei com ele aos dezesseis anos, eu não me divertia, porque ele era muito ciumento, tivemos três filhos – Wilian, Wildison e Laudelino.

Vivemos casados cinquenta e quatro anos, em setembro de dois mil e doze ele faleceu, foi muito triste, mas tudo passa, temos que continuar vivendo. Tenho cinco netas e dois bisnetos, sou muito feliz graças a Deus, viajo quando posso, vou para UMA, vou para hidroginástica, faço caminhada, estou muito satisfeita. Planejo viajar muito se Deus me der muita saúde. É tudo o que lembro da minha história.



"Toda a festa eu era quem decidia se podiam ir, assim meus irmãos eram bastante generosos comigo éramos muito unidos, dançamos muitas festas no interior, éramos bastante conhecidos na região e por todos os lugares onde residimos vistos como muito respeitos por todos os pais de famílias nos acatava foi uma vida de cidadão respeitados graças à Deus"

2 DE JANEIRO DE 1946

Eu nasci em 1946 no lugar Pé do Morro, município de São Domingos – MA.

Meus pais se chamam José Alves Ferreira e João Paulo de Moraes. Minha infância foi em São Domingos, brinquei bastante de badoque e bola de gude e também de roda no terreiro.

Estudar em casa com professor particular até o terceiro ano e parei de estudar.

Passei minha juventude lá em São Domingos gostava muito de dançar era meu esporte, namorava muito garotas era muito feliz, conheci uma menina ela se chamava Antônia que me fez pensar em casamento, foram quatro (4) anos de namoro até o dia do nosso casamento. Assim com um ano de casado veio uma filha que foi presente mais maravilhoso da minha vida. Vivemos 49 anos e 6 meses de alegria, respeito e felicidades, mas Deus chamou minha companheira por este motivo estou viúvo e estou morando com minha filha aqui em Palmas a 1 ano e 3 meses, estou com minhas casas no Estreito do Maranhão onde residi por 30 anos e espero vender e ficar por aqui até os últimos dias da minha vida.

Falar da minha família, nós éramos 6 irmãos a primeira se chamava Maria Alves Ferreira eu me chamo Izidório Alves Ferreira, minha querida irmã que faleceu em 1964 com 20 anos de idade e eu fiquei sendo o mais velho, por isso desde dos 13 anos tomei responsabilidade pelos mais novos, meu pai e entregou a responsabilidade de meus irmãos.

Toda a festa eu era quem decidia se podiam ir, assim meus irmãos eram bastante generosos comigo éramos muito unidos, dançamos muitas festas no interior, éramos bastante conhecidos na região e por todos os lugares onde residimos vistos como muito respeitos por todos os pais de famílias nos acatava foi uma vida de cidadão respeitados graças à Deus. Brincamos muito sem acontecimentos graves. Vou citar nomes dos meus irmãos, o mais novo depois de mim nasceu 1949 chamava se Emanuel Alves Ferreira sempre trabalhou na agricultura a mulher dele se chamava Creusa.

Continuando falando de minha família deste tive 5 filhos a mais velha chama se Vânia, segundo se chama Gidelan, e o outro Gerdizan, e a outra chama se Gelane e nome do mais novo é Jovanes, nosso caçula.

Passamos para outro mano mais novo de mais de 3 homens e o Antônio casado com Maria Amelita tiveram 4 filhos, o primeiro Dário, já está casado e com 2 filhos Vitória e Gustavo, esta família todos nasceram São Domingos no Maranhão. Gidelan tem 2 filhos Arthur e Gustavo.

Esta é minha história, netos são 3 mais velho chama Lidiane e outro Wanderlan e Marcos Aurélio.

Desculpe eu não tenho muito assunto mais o que respondi, foi do meu *próprio punho*.

NOITES DE LUA CHEIA

Maria Eunice de Siqueira



“Sou muito feliz e gosto de estar com minha família, quero viver muito ainda, ver os bisnetos, tenho muitos sonhos e projetos, quero...”

23 DE FEVEREIRO DE 1952

Eu nasci no dia 23 de fevereiro de 1952 na cidade de Silvania-GO, o nome do meu pai era Afonso Fleury de Siqueira e minha mãe Afonsina Lôbo Fleury, meus irmãos Emanuel (falecido), Antonio, Lázaro (falecido), Maria de Fátima (falecida), Maria de Lourdes, Selma Maria e José.

Passsei parte da minha infância na fazenda do meu avô paterno no município de Anicuns-GO onde também morava meus tios e primos. Foi muito bom esse tempo, nas noites de lua cheia costumávamos ir para a casa de meus tios, enquanto os pais conversavam, as crianças brincavam tinha vários tipos de brincadeiras, mas a preferidas eram pique esconde gostávamos de esconder atrás dos animais que ficavam deitados no curral e também de passar anel, pular amarelinha, de roda e etc...

Na fazenda tinha grupo de escola onde eu comecei a estudar. Mudamos para Trindade-GO foi lá que fiz o colegial.

Minha adolescência e minha juventude foi tranquila tive poucos namorados, era muito tímida com 15 anos sofri muito por uma paixão não correspondida.

Sempre saía com meu irmão mais velho e gostávamos muito de dançar, sempre tinha uma festinha casa de um primo ou amigo de meus irmãos.

Aos 25 anos me casei tive 3 filhos maravilhosos, Ellen Cristina, Tiago e Ana Paula. Tive uma decepção muito grande com meu marido, fiquei com depressão profunda, mas com a graça de Deus me recuperei e também por causa dos meus filhos que eram pequenos e precisavam de mim, lutei por 6 anos, não deu e me separei.

Não quis mais saber de ninguém e me dediquei aos meus filhos e não me arrependo. Hoje tenho 4 netos lindos: Guilherme com 21 anos, João Gabriel com 9 anos, João Pedro com 6 anos e Heloisa com 2 anos, e está chegando mais um, é muito bom ser avô.

Sou muito feliz e gosto de estar com minha família, quero viver muito ainda ver os bisnetos, tenho muitos sonhos e projetos, quero viajar e curtir muito a minha família.

FUI CRIADA SEM LIBERDADE

Maria do Socorro Pereira



“Fui criada sem liberdade, minha vida era trabalhar, eu só tive 2 namorados neste tempo, a gente só escrevia cartas e pedia as amigas para entregar...”

02 DE JUNHO DE 1958

Eu me chamo Maria do Socorro Pereira, nasci em Carmo o interior de Ipixuma que hoje chama-se São Luiz Gonzaga do Maranhão, de uma família grande filha de Dionízio Pereira de Souza e mãe Evangelina Pereira Silva, tenho 16 irmãos.

Estes são os meus irmãos: Francisco Pereira de Sousa, Raimundo Pereira de Sousa, José Rozeno Pereira de Sousa, Antônio Pereira de Sousa, Florência Pereira de Sousa, João Luiz Pereira de Sousa, Lourival Pereira de Sousa, Rosalina Pereira de Sousa, Sebastião Pereira de Sousa, Domingos Pereira de Sousa, Deusdedit Pereira de Sousa, Miguel Pereira de Sousa, Raimunda Pereira de Sousa, Tereza Pereira de Sousa, João Batista Pereira de Sousa e Vanuza Pereira de Sousa.

Passei minha infância no interior até os 10 anos da idade sem e eu não tinha estudado, porque meus pais moravam não tinha escola, eu e meus irmãos começavam a trabalhar muito cedo, a gente trabalhava na roça, plantávamos arroz, feijão, mandioca e milho em casa, também ajudava em outros afazeres, colocava comida para as galinhas, para os porcos, buscava água na cacimba, carregada na cabaça, na lata, ajudava minha mãe a lavar roupa, buscava lenha no mato para fazer comida.

As brincadeiras eram poucas, porque tínhamos que dormir cedo para não gastar muita querosene nas lamparinas, eu brincava de cavalo de pau, brincava de roda, falava versos, brincava com bonecas feita de sabugo de milho, bonecas de pano fazíamos boi de manga verde, carrinhos de lata de sardinha, gangorra, brincava de rodas, guarda bandeiras, anjo bom e anjo mal e jogava com pedrinhas.

As brincadeiras quando eu estudava era de rodas, guarda a bandeira, esconde-esconde, falávamos versos, adivinhação e Bom barquinho.

Na minha adolescência não tinha tempo para as brincadeiras, porque com 11 anos fui morar com uma família que tinham 7 filhos, eu cuidava de uma criança que tinha apenas 40 dias de nascida, minha rotina era cuidar de criança de dia e estudar a noite, comecei a

frequentar escola com 11 anos, toda minha adolescência e juventude era cuidar de crianças de dia e estudar a noite não me sobrava tempo.

Fui criada sem liberdade, minha vida era trabalhar, eu só tive 2 namorados neste tempo, a gente só escrevia cartas e pedia as amigas para entregar, eu só me casei com 40 anos, não tive filhos, meu casamento durou pouco, somente 5 anos e 5 meses.

Hoje vivo feliz por ter encontrado a UMA, porque foi lá que aprendi a viver e envelhecer com qualidade de vida, alegria, tudo de bom, lá aprende a valorizar as pessoas.

Hoje eu aprendi a viver em harmonia a conversar e fazer a amigos.

DEIXEI DE SER INVISÍVEL PARA O MUNDO



Venecy Pereira dos Santos

“A formatura hummm!!! Sonho que não acaba mais, o vestido, a aula da saudade, o culto ecumênico, o baile, a valsa... dancei feito uma adolescente no seu primeiro baile de debutantes, e o melhor, com meus amados filhos, que se emocionaram por demais.”

18 DE MAIO DE 1948

Minha história começa mais ou menos assim. Meu nome é Venecy Pereira dos Santos, nascida em Fazenda Mocambo no município de Arraias aos 18/05/1948. Meus pais eram Francisco Pereira dos Santos e Camila Gonçalves Ferreira. Avós paternos Ana Rita e Vital Pereira dos Santos e avós maternos Izidra e João Gonçalves Ferreira.

Meu pai veio de Anápolis e a mãe da Bahia, ambos falecidos. Como eles se conheceram eu desconheço. Éramos 15 irmãos sendo que 6 estão vivos, família de situação regular mas perseverantes, criou seus filhos com seu trabalho de roça e plantações próprias. Enfrentei trabalho duro, como limpar, plantar, limpar de novo e fazer cerca de madeira pesada, serviço pra homem, mas era nosso. Pra mim ainda houve um agravante pois me machuquei carregando madeira e fiquei mês sem poder levantar nem para comer.

Na época da colheita, nosso serviço era pastorear aves para não comerem a lavoura de milho, mandioca, feijão, arroz, abóbora, cana de açúcar de tudo que se podia plantar. Na época de moer a cana para fazer rapadura, melado de açúcar, cachaça da boa que meu pai era craque. Na alimentação de todo dia tínhamos no café da manhã leite com mandioca cozida, abóbora, cuscuz, bolo de milho, de mandioca, batata doce. Almoço e janta variava de arroz, feijão, carne de porco, galinha, cabra ou bode. Meus pais tinham uma pequena fazenda e umas vaquinhas pra nos alimentarmos com leite, e como isso ajudava!

Me ensinaram a montar a cavalo e jumento e eu ia para o campo trazer vacas paridas, perigos iminente dos meus sete anos aos 17. Fui a companheira da lida pesada em tudo para o que desse e viesse. Minha mãe não tinha voz ativa com a gente, seja comigo, pois eu era o peão da obra, ou com qualquer um dos outros filhos. Mas tinha as vantagens. Meu pai era sanfoneiro e dos bons, e éramos convidados para muitas festas, tinha as desvantagens pois as festas começavam e nós tínhamos que ficar de molho porque havia muitas brigas. Se tudo estava em paz nas festas, eles punham a gente pra dormir, isto se fosse possível. Ele queria nos proteger, mas nós jovens não entediamos. Não tínhamos o

mínimo de estudo, e só por volta dos meus 17 ou 18 anos é que entrei pro colégio para estudar, fiquei interna e minha vontade de aprender era o grande motivo.

Eu recebia bilhetinhos de admirador, pois eu recebia e os outros era quem liam para mim, e eu disse pra mim mesmo, vou aprender e vou ler o que é meu e o que for preciso. Lia tudo que é rótulo de tudo que eu via, soletrava e juntava e pronto. Pouco sei, mas já me ajuda bastante. Fiz dois anos em um, minha professora ficava encantada com o meu esforço, tenho saudades de minha professora irmã Clara, da irmã Gabriela e outras que não me lembro o nome. Fiz até a metade do 1º ano que hoje é a 3ª série. Dei bobeira e fui pra Goiás Velho trabalhar, depois fui para o Rio de Janeiro morei lá por volta de dez anos, foi um período sem muitas agitações, mas também não foi dos melhores.

Sobre os amores, conheci um rapaz em um carnaval. Foi um pouco engraçado, dançamos e fui pra casa. Disse a ele mais ou menos onde eu morava, mas não pus fé na situação e ainda disse pra minha amiga que quando não é bom, não se leva para casa, no outro dia quem é que estava lá na minha porta? Ele. E ficou por muito tempo, que me rendeu 2 filhos abençoados que amo, por demais o Wuilson e o Rafael, depois disso findou este relacionamento.

Naminha vida este tipo de relacionamento não me dá muita sorte, pois depois de uma festa junina conheci o abençoado que era o segundo marido do qual me deu muito trabalho. Foi batalha serra, mas tive com ele mais 5 abençoados filhos que são Salomão Ken Dale, Serena Giuliano e minha rapinha do tacho Samirah, esta representa minha vida de várias maneiras possíveis e também pela convivência difícil, mas fui até meus filhos aprenderem a andar com suas próprias pernas ou seja, cuidarem de si próprio.

O interessante é que quando a gente está passando por problemas pensa que nada tem valor, quantas vezes eu desejei morrer para esquecer as tristezas da vida, coisas que eu achava não ter saída, mas há. Quanta bobagem e falta de confiança em Deus, hoje vejo as coisas tão diferentes, aprendi a confiar em Deus pois ele tudo sabe e tudo vê. Por incrível que pareça, hoje sou uma pessoa quase feliz, digo quase por que ainda falta o principal, mas sei que já está a caminho pela honra e glória do meu Deus, que é minha moradia.

Na minha época de criança, as brincadeiras eram casinha de bonecas feitas de espigas de milho verde, bonecas de pano, bonecas de gravetos, cavalinhos de mangas verdes, os gados eram os ossos dos mocotós, carrinhos de latas de sardinhas e etc, como também aviões de buriti, violas de linha de anzol e tábuas, os tecidos das nossas roupas eram feitas pelas abençoadas mãos de minha santa mãe, que plantava o algodão, colhia e fazia as linhas nas todas de fiar, depois tinha o tear que é o tipo de máquina de fazer tecido, daí saia pano para roupas cobertas, redes, tapetes, colchonil que servia para cobrir

montaria, as roupas de festas eram os tecidos de chitinha que os mascates ou cacheiro viajante, vendiam e fazíamos os vestidos para irmos às rezas e festas, sapatos, chinelos de dedos feitas de couro curtidos por meu pai, mesmo assim estava tudo muito bem e felizes.

As camas eram de varas com colchões de palhas de bananas, capim e palha de milho ou forrava couro curtido no chão para dormir. Vida boa todos achavam que era. Fome não passávamos, pois na roça você pode se virar em várias coisas. Tinha o famoso arroz canja, que feito sem sal e óleo e um feijão cozido no fogão a lenha, as vezes com costela que é muito bom e outras coisas. O famoso milho assado, o cural, angu para comer com feijão, por isso que sou forte, kkk, ou milho cozido, farra na certa, tudo isso era dádiva do senhor.

Bom, hoje com 67 anos, já se passaram muitas coisas na minha vida, boas, ruins, alegres, tristes, mas são coisas normais. Tristeza de vez em quando aparece uma, mas a pior foi quando perdi meu pai e minha amada mãe, pois até o hoje o coração dói, mas a vida segue. As alegrias graças a Deus são várias, o nascimento dos meus amados filhos, o crescimento deles com saúde, a minha entrada na Faculdade da Maturidade, a minha formatura, quando me batizei nas águas e as minhas alegrias do dia a dia de ter uma família maravilhosa de sangue e outras famílias de coração a UMA.

Meu sonho era me casar de vestido branco, véu bem longo e ter um marido bem carinhoso, daqueles que você deita no colo e vai assistir televisão e os filhos do lado brincando, família unida. Meu sonho de criança era crescer e ser professora até pouco tempo e queria isto, mas fui podada, mas eu fui fraca, não lutei pelo que eu queria, deixei sempre os outros falar de mim, falha minha. Até então a minha vida era um dia atrás do outro e vento o tempo passar. Saúde era balanceada, mas sempre lutando na esperança de um dia melhor.

A UMA na minha vida fez uma grande diferença, da água pro vinho. Entrei em 2013 e em 2014 me formei. Entrei com as bênçãos de Deus, e com o pé direito na frente. Decorreram-se 1 ano e 6 meses e eu ganhei de tudo que é bom: conhecimento, convivência, amizade, confiança, no que faço de encarar as dificuldades do dia-a-dia de aprender lidar com as diversidades da vida.

Aprendi a olhar sempre na frente e ver que quando as coisas estão ruins para a gente, tem outra pessoa que está muito pior, aí dá pra gente aliviar as nossas tensões. Gosto muito de ler e nos livros se aprende muito, como por exemplo a Bíblia. Neste período de tempo já fiz tantas coisas que as vezes nem acredito que é verdade, viagens: Foz do Iguaçu, Argentina, Paraguai, São Paulo, Brasília, por várias vezes. Foram muitos eventos em tantos lugares: coral, eu cantando... que Legal!

Dança clássica, onde eu imaginava que ia dançar!! Foram dois anos de muitas

expectativas e alegrias. Trabalhamos com muita satisfação em muitas coisas em prol da nossa formatura era lanche, bingo, feijoada, rifas para arrecadar fundos e deu tudo certo. E cada dia eu me sentia mais feliz. Na UMA fiz muitos amigos, como por exemplo: Margarete que é muito especial, seu José Carlos que nem digo, seu Edvaldo, o Fábio, que é um menino doce, toda a equipe é muito especial, obrigado pela paciência que vocês nos dedicam.

Meus professores e Doutores são os “cabeças” da UMA, os guias e mentores que fazem tudo acontecer. A formatura hummmm!!! Sonho que não acaba mais, o vestido, a aula da saudade, o culto ecumênico, o baile, a valsa... dancei feito uma adolescente no seu primeiro baile de debutantes, e o melhor, com meus amados filhos, que se emocionaram por demais.

Foi vista por muita e muita gente, para mim era como se eu estivesse nascendo de novo, vendo a grande alegria nos olhos de meus filhos, uma penas que nem todos puderam comparecer, mas valeu a pena passar por tudo para chegar até aqui. Uma personagem foi a maior culpada por tudo isso, e que da qual quero agradecer de coração: a Dona Eliane que me convidou a ingressar na Faculdade.

Hoje ainda estou aqui, continuei em 2015 e chegou 2017 e eu continuo, até quando Deus quiser e a faculdade também. Sou até presidente do Ima. Quanta evolução não é gente? Filho, como eu já disse ser mãe foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, é uma dádiva de Deus, eu não entendo o porque de ter pessoas que abandonam crianças a Deus dará, antes eu não entendia muita coisa da vida, mas hoje Deus está abrindo minha mente para melhor apreciar as vitórias e por que.

A UMA tem a maior contribuição pelas minhas vitórias, por isso eu digo caros colegas acadêmicos da maturidade, vamos valorizar quem nos valoriza, acompanhando as aulas e as atividades sem faltar, pois cada falta é um aprendizado a menos e sem contar que tudo isto é feito para nós, então vamos fazer valer a pena.

Depois de cinco anos voltei em Arraias, a cidade onde morei e criei minha família, devido a minha vivência lá que foi mais escondida, foi muito estranha, foi como se eu fosse invisível. Cumprimentei algumas pessoas e somente uma ou duas pessoas me reconheceram. Tenho tido experiência a respeito disto, principalmente se você não tem o famoso cartão de crédito.

Conto uma historinha: há um tempo atrás fui numa reunião da Mary Kay e me trataram muito bem, servindo até de modelo de maquiagem. Queriam que eu comprasse um kit, mas eu não tinha cartão de crédito, na mesma hora foi como se eu já não estivesse mais aí, eu vi que você vale pelo que tem e não pelo que você é.

Hoje a situação aqui onde eu ando sou vista e reconhecida e abraçada. Se isto

é bom? Digo: é maravilhoso. Tem uma coisa que faço e me dá muita alegria é o projeto Anjos para quem tem fé. Trabalho nos hospitais alegrando adultos e crianças que estão precisando de uma palavra amiga. As crianças ficam felizes e nos dá alegria e grande satisfação em fazer alguém feliz.

Anjos para quem tem fé, com componentes jovens e idosos, unidos em um só objetivo a alegria e a paz no coração de cada um, pois nem só de remédio os doentes precisam principalmente de apoio espiritual e um sorriso nos lábios. Quero estar sempre forte para os passos seguintes. Visão de vida, é que não devemos ficar esperando acontecer, quando poder correr atrás de nossos interesses e de nosso bem estar.

Jovens amados, acordem para a vida, não deixem que as drogas, bebidas, os maus olhares do mundo estraguem a sua preciosa vida e o seu futuro vindouro prometido por Deus. Ele não mandou você aqui para cometer erros e sim o bem.

Quero agradecer de coração a Dra. Neila pela sua dedicação e carinho a nós velhos. Doutor e professor Luiz Neto por tudo de especial que os Senhores dedicam a nós, continuem com esta visão a respeito dos velhos, alguém tinha e tem que fazer alguma coisa para que acabe com esta desvalorização que nós sobremos. Nossos Parabéns.

Aprendi também que a camisa da UMA é mágica, pois quando estamos com ela, às coisas mudam e mudam para melhor. Meus agradecimentos a todos os professores. O bom da vida é saber, que é preciso saber viver, pois quem sabe faz a hora e não espera acontecer.

À Deus e a meus filhos, com amor!!!



GLAUCE GONÇALVES DA SILVA GOMES - Graduada em Pedagogia pela Fundação UNIRG, Gurupi- TO (2006). Pós-graduada em Supervisão e Orientação Educação Educacional pela FACIMAB. Atuou no Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais como: Professora Regente, Coordenadora Pedagógica e Orientadora Educacional; como Técnica Pedagógica da Gerência de Fortalecimento e Desenvolvimento da Educação Profissional. também na função de Técnica Pedagógica da

Gerência de Ensino à Distância do estado do Tocantins- SEDUC e Formadora Local dos Professores PNAIC - Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e como Coordenadora Adjunta do Pronatec/Seduc-TO por período próximo 4 anos. Atualmente desempenha funções técnicas na Gerência de Ensino da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins. Tendo concluído três disciplinas: Docência do Ensino Superior; Tópicos Especiais em Educação Intergeracional e Educação, Diversidade e Interculturalidade (EDI) como aluna especial no Programa de Pós Graduação- Mestrado Acadêmico em Educação da UFT.



ADRIANA DA COSTA PEREIRA AGUIAR - Mestre em Educação (2022) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Licenciada em Pedagogia - Supervisão Escolar (1995) pela Universidade de Gurupi (UNIRG). Especialista em Planejamento, Orientação Educacional e Gestão Escolar. Pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Educação Municipal na UFT (GepeEM), cadastrado no CNPQ/CAPEES. Associada na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Associada da Associação Nacional de Política e Administração da Educação

(ANPAE), membro da Rede de Especialistas em Política Educativa da América Latina (RED). É Professora efetiva da Educação Básica do Estado do Tocantins, foi Professora efetiva da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Gurupi-TO, atuou como docente no Ensino Fundamental e médio das redes particular, pública municipal e estadual. Atuou como coordenadora pedagógica, supervisora escolar, diretora de unidade escolar e Diretora Regional de Ensino de Gurupi, frente a 17 municípios. Nomeada como Secretária de Estado da Educação e Cultura do Estado do Tocantins em 2014, Secretária de Estado da Educação, Juventude e Esportes (2018 à 2021). Ainda no âmbito Estadual ocupou a função de Diretora Técnica de Aprendizagem Rural (SENAR). Consultora Técnica em Educação na Associação Tocantinense de Municípios (ATM). No cenário Nacional foi vice-presidente do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (CONSED) da região norte (2014) (2019/2020), membro da Comissão Nacional de Educação do Campo (CONEC), membro da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena (CMEEI), coordenadora da Câmara Técnica de Educação do Consórcio Amazônia Legal (2019-2021). Já atuou como consultora do Instituto CNA e Instituto Lemam (2013), articuladora do Selo Unicef no Tocantins (2016-2021). Foi membro do Conselho Curador da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS); do Fórum Estadual Permanente de Apoio à Formação Docente (FEPAD/TO). Conquistou o Prêmio Escola Comunitária de Gestão Compartilhada 1º lugar/2003, ainda dentro desta premiação, esteve entre as 10 melhores posições do Tocantins, de 2004 a 2011. Conquistou os Prêmios “Crer Para Ver”, da Fundação Abrinq e Natura, 1º lugar da Região Norte em 2005, o ?ILA?

(Internacional LeadershipAward) do CONSED e do BRITISH COUNCIL em 2010; e o Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar do CONSED, AMERICAN COUNCIL e Fundação Roberto Marinho em 2011. Atualmente é Secretária de Municipal de Desenvolvimento Social de Palmas – TO.



AMANDA PEREIRA COSTA - Pedagoga, Mestre em Educação pela UFT; Especialista em Políticas de Avaliação em Educação, pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO; Especialista em Educação nas áreas de Gestão Educacional, Orientação Educacional e Coordenação Pedagógica. É servidora estatutária da Secretaria da Educação, Juventude e Esportes do Estado do Tocantins, com experiência no âmbito educacional, como docente na Educação Infantil,

Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, além de ampla experiência em Orientação Educacional, Secretaria Escolar, Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar. Atuou também em diversas áreas administrativas, dentre as quais se podem citar: Coordenador Regional de Gestão e Formação, Diretora de Administração e Finanças - SEDUC (Palmas-TO) e Coordenadora Geral do Programa ? PRONATEC. É membro atuante do Grupo de pesquisa PROGERO - que estuda várias frentes na área de geriatria, gerontologia e intergeracionalidade. É pesquisadora na área do envelhecimento humano, com diversos artigos publicados na área. É militante em defesa da pessoa idosa, atuando no Projeto de Extensão da UFT - Universidade da Maturidade como pesquisadora, vertente em que atuou como Presidente do Conselho Estadual da Pessoa Idosa de 2020 a 2022, Exerceu a função de Superintendente de Educação Básica na Secretaria de Educação, Juventude e Esportes - Estado do Tocantins, e contribuí, ainda, como tutora de graduação e pós-graduação em modalidades Semipresenciais e Educação à Distância nas Instituições de Ensino Superiores, Anhanguera (Grupo Kroton) e Universidade Federal do Tocantins - UFT. Foi Secretaria Municipal de Educação de Gurupi e atualmente é a Secretária Municipal de Cultura e Turismo do Município de Gurupi - TO



SILVANIS DOS REIS BORGES PEREIRA - Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins. Graduada em Pedagogia com ênfase em Orientação Educacional - FAFI Sete Lagoas (1997). Professora Universitária na Universidade Estadual do Tocantins UNITINS. Fez duas pós graduações latu sensu em Psicopedagogia (FAFI Sete Lagoas) e Educação Religiosa (PUC MINAS). Trabalhou como alfabetizadora e professora do Ensino Fundamental e Médio em escola pública de Minas Gerais,

foi coordenadora Pedagógica do Projeto Pequenininhos em Sete Lagoas MG. Trabalhou na UNITINS (EAD), como Professora do curso de Pedagogia, Trabalhou na UNICESUMAR como Coordenadora de Polos de EAD, Foi Master Franqueada da Prepara Cursos no norte do Paraná. Trabalhou na Universidade Estadual do Tocantins UNITINS como Coordenadora de Supervisores, Coordenadora Ajunta da UAB com a função de visitar e monitorar os pólos de EAD da UNITINS, acompanhar avaliadores do MEC e CAPES, foi Supervisora de Polos

de EAD e Coordenadora do Curso de Pedagogia da UAB. Aprovada no processo seletivo como Professora Especialista da UNITINS, Campus Araguatins. Professora voluntária na Universidade da Maturidade UMA UFT.



NEILA BARBOSA OSÓRIO - Pós-doutora em Educação pela UEPA/PA; doutora em Ciência do Movimento Humano pela UFSM/RS; mestre em Educação pela UNESP/SP; graduada em Serviço Social pela UCDB/MS; pesquisadora de produtividade pela FAPT-TO; premiada como Pioneira em Educação de Velhos no Estado de Mato Grosso do Sul; professora pesquisadora na UFT, no Colegiado de Pedagogia; docente do Programa Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFT); membra do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PPGEDA); coordenadora da Tecnologia Social Universidade da Maturidade (UMA); líder do grupo de pesquisa Educação Intergeracional e Altas Habilidades, junto ao CNPq. Escreve sobre políticas sociais do envelhecimento na Amazônia Legal, direito e políticas públicas para a Pessoa Idosa, educação de velhos na Universidade, relações intergeracionais, Instituições de Longa Permanência e relação avós e netos.



LUIZ SINÉSIO SILVA NETO - Possui Pós Doutorado pela Universidade Federal do Tocantins, Doutorado em Ciências e Tecnologia em Saúde-UNB-DF, Mestrado em Gerontologia-UCB-DF, Especialização em Gerontologia- UFT-TO, Especialização em Fisiologia do Exercício Aplicada a Clínica-UNIFESP, graduação em Educação Física. É professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins do curso de Medicina onde coordena as disciplinas, Saúde do Idoso, Nutrologia e participa da Comissão de TCC. Coordena e é docente do programa “Universidade da Maturidade-UMA” na Universidade Federal do Tocantins. É professor efetivo dos Mestrados em Ensino em Ciência e Saúde e Saúde da Família da Universidade Federal do Tocantins. Líder do grupo de pesquisa: Progero- Envelhecimento Humano. Presidente da Associação Brasileira de Alzheimer-Seccional Tocantins. Membro do conselho fiscal da Sociedade Brasileira de Gerontecnologia. Participa da comissão organizadora do Simpósio Brasileiro de Biologia Muscular Autor de artigos científicos e livros na área da gerontologia. Atua nas áreas de pesquisas: Efeito do treinamento resistido na saúde dos idosos, Alterações de composição corporal e envelhecimento, Sarcopenia, Obesidade Sarcopênica, Qualidade de Vida, Avaliação funcional no idoso, Envelhecimento e Gerontologia.



UMA

HISTÓRIA PARA TE CONTAR

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2023


UNIVERSIDADE DA MATURIDADE


UNIVERSIDADE FEDERAL
DO TOCANTINS

UMA

HISTÓRIA PARA TE CONTAR

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2023